

## TERCEIRA SEÇÃO

# DOM BOSCO ENTRE A SANTA SÉ, O REINO DA ITÁLIA E O ARCEBISPO DE TURIM

### Apresentação

*No contexto do Ressurgimento, Dom Bosco, sabemos, optou por manter-se publicamente alheio às diferentes correntes políticas da época. Desde o biênio 1848-1849 manteve-se numa posição de difícil equilíbrio entre Igreja e Estado, não se perfilando decididamente em favor das inovações políticas, mas também não se opondo a elas direta e publicamente mediante atos, palavras, atitudes hostis.*

*Embora contrário à política eclesiástica do reino da Sardenha dos anos 1850-1860 – ele a combateu dentro dos limites do seu ser sacerdote piemontês – evitou entrar em polêmicas e ferir suscetibilidades, também para salvaguardar a sua ação de educador e fundador.*

*Durante o governo da direita histórica – anos 60-70 – graças à sua obra caritativa e filantrópica, apreciada pelos principais atores da política italiana do tempo (Vitório Emanuel II, Camilo Cavour, Urbano Rattazzi, Afonso Lamarmorosa, João Lanza, Marcos Minghetti, Paulo Honorato Vigliani...), não só pôde evitar excessivos aborrecimentos por parte deles a respeito das suas multiformes iniciativas sociorreligiosas, mas também, em mais de uma ocasião, desempenhar o papel de traço de união entre eles e as autoridades pontifícias. O recém-nascido reino da Itália, de fato, caminhava em rota de colisão com a Santa Sé desde o seu nascimento (1861) e particularmente depois da ocupação militar de Roma e a proclamação da cidade papal como capital do novo reino (1870).*

*Pondo de lado qualquer timidez, Dom Bosco entrou nos palácios dos respectivos poderes para tentar certo acordo, pelo menos temporário, entre as duas partes. De fato, conseguiu reduzir as distâncias a respeito de alguns pontos específicos de dissenso ao não se entrincheirar por detrás da globalidade das soluções políticas, mas optando por salvar o salvável, para além das insanáveis divergências de princípio sobre a “questão romana”. Se Pio IX e o cardeal Antonelli puderam considerá-lo um campeão de fidelidade a toda prova, os políticos liberais da época, embora encontrando-se em posições ideologicamente diversas, consideraram útil a sua presença nos setores da vida social, onde se acumulavam reservas de valores morais, de solidariedade, de responsabilidade. Dom Bosco não lhes escondeu o seu ser sa-*

*cerdote fiel ao papa e à Igreja de Roma. Mas a sua oposição ao liberalismo, mais do que de cunho político foi de índole religiosa e moral. Todas as suas intervenções de “política eclesiástica”, tanto aquelas em que se ofereceu espontaneamente como “mediador” entre as partes, quanto aquelas em que foi envolvido por outros, foram especificamente inspiradas a favorecer e criar as condições para a salvaguarda da fé e da prática religiosa no povo italiano<sup>1</sup>.*

*Também com a esquerda histórica no poder, no fim dos anos Setenta e durante todos os anos Oitenta (Bento Cairoli, Miguel Coppino, Francisco Crispi, Agostinho Depretis, João Nicotera, José Zanardelli...), Dom Bosco manteve bom relacionamento, obviamente sem compartilhar as posições ideológicas, em geral maçônicas e anticlericais, e a sua política para com a Santa Sé. Apesar da intensificação do conflito entre clericalismo e anticlericalismo, Dom Bosco cultivou um enraizado sentido do Estado, percebendo sua função essencial e colaborando nos limites do possível. Não faltaram momentos de forte tensão na própria casa de Turim-Valdocco, no final dos anos Setenta, onde, aliás, já havia tempo se viviam horas difíceis por causa das numerosas controvérsias com o arcebispo dom Lourenço Gastaldi.*

<sup>1</sup> Quanto ao pensamento e à ação “política” de Dom Bosco cf. Francesco MOTTO, *L'impegno civile e morale di don Bosco nell'Italia unita in dialogo con le istituzioni civili e di governo*, em RSS 29 (2010) 177-200.

## I. CARTAS CONFIDENCIAIS AO PAPA A RESPEITO DA SITUAÇÃO POLÍTICA (1858-1867, 1873)

*Nos anos imediatamente anteriores e seguintes à Unidade da Itália (1858-1866), Dom Bosco manteve constante contato epistolar com o papa Pio IX. Não somente por interesses ligados diretamente à sua Obra, mas também para tratar da situação preocupante em que vivia a Igreja no Piemonte, para encorajá-lo na defesa da sua fé contra os inimigos da religião, para transmitir-lhe eventualmente informações reservadas de que pudesse dispor. Como acabamos de dizer, Dom Bosco, na questão romana, estava do lado de Pio IX e do seu secretário de Estado, cardeal Antonelli. Lentamente, porém, se convenceu de que uma resistência por demais vigorosa à “revolução” se tornava sempre mais inútil, pelo contrário, até corria o risco de piorar a situação, de modo que depois da tomada de Roma optou também em política pelo princípio de que o bem se devia fazer da maneira como era possível fazê-lo<sup>2</sup>.*

*Nesse contexto, reproduzimos aqui 10 cartas reservadas, enviadas ao sumo pontífice nos anos que giram em torno da unidade da Itália, por meio de pessoas de confiança, e não mediante o correio normal, que Dom Bosco sabia ser controlado pelas autoridades públicas.*

*Em 1858 ele se mostrava preocupado pela não solucionada questão do bispo de Turim, dom Frasoni, na qual, durante sua viagem a Roma, fora envolvido pelo irmão do presidente do Conselho, marquês Gustavo di Cavour (n. 54)<sup>3</sup>.*

*No ano seguinte, informava o sumo pontífice a respeito de possíveis infiltrações de “revolucionários” nos Estados Pontifícios e da iminente proposta por parte do governo de candidatos às sedes vacantes (n. 55). Sempre em 1859, comunicava a sua desaprovação da política expansionista do reino de Saboia em prejuízo do Estado Pontifício e o seu constante empenho na defesa da fé do povo e na educação dos seus jovens (n. 56).*

*Análogas são as preocupações do ano seguinte, embora nutrisse a confiança de que, após o momento difícil, haveria de se seguir o triunfo final da Igreja (n. 57). Na vigília da proclamação do novo reino da Itália, incluindo os territórios subtraídos aos Estados Pontifícios (1860), renovava as mesmas preocupações e esperanças, apesar de não excluir novo afastamento do papa da sua sede de Roma (n. 58).*

<sup>2</sup> Para a posição de Dom Bosco quanto à questão romana cf. Francesco MOTTO, *Orientamenti politici di don Bosco*, em RSS 12 (1993) 9-37. Cf. várias cartas do Santo ao Papa, com o relativo comentário em Arthur J. LENTI, *Don Bosco, his Pope and his Bishop*. Roma, LAS 2006, pp. 11-64.

<sup>3</sup> A respeito do assunto, cf. Francesco MOTTO, *Don Bosco mediatore fra Cavour e Antonelli*, em RSS 5 (1986) 3-20.

*Nas cartas do biênio 1863-1864, fazia notar a substancial estabilidade da situação (nn. 59, 60), enquanto na de 1865 relevava que o sofrimento pela legislação matrimonial que estava para ser aprovada pelo parlamento seria compensado pela alegria do encaminhamento da construção da igreja de Maria Auxiliadora e pela perspectiva da aprovação da Sociedade Salesiana e das suas Constituições (n. 61).*

*No ano seguinte (1866), voltava a falar tanto da expectativa pela aprovação papal, quanto da situação difícil das relações Estado-Igreja (n. 62).*

*Vários anos depois, em 1873, anunciava ao papa, em linguagem profético-simbólica, o exílio que o aguardava (n. 63), antes de voltar a Roma. O valor da mensagem era devido ao fato de provir de uma pessoa cujas predições anteriores se tinham verificado<sup>4</sup>.*

## 54. Ao papa Pio IX

Edição crítica em E(m) I, pp. 352-354.

Turim, 14 de junho de 1858

Beatíssimo Padre,

Com o coração repleto da mais profunda gratidão para com a sagrada pessoa de Vossa Santidade, eu voltei para o meio dos meus jovens a fim de contar-lhes o que ouvi e vi na cidade eterna, especialmente o que se refere à pessoa de Vossa Santidade.

Os favores espirituais que com tanta bondade me concedeu já produziram bons efeitos: mais de trinta localidades, animadas pelas indulgências concedidas pelo canto das loas sacras, puseram-se a celebrar o mês de maio em honra da grande Mãe de Deus.

É para mim também um grande conforto poder contar as coisas de Roma no seu verdadeiro aspecto, e assim rebater as insinuações indiscretas de algumas pessoas que, por maldade ou por ignorância, sempre procuram interpretar mal as coisas mais dignas de veneração.

<sup>4</sup> Aos vaticínios a respeito dos acontecimentos de 1870-1874 dedica algumas páginas Pietro STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*. Vol. II. *Mentalità religiosa e spiritualità*. Roma, LAS 1981, pp. 532-547 (Apêndice, *Note per uno studio sui sogni di don Bosco*).

Um ponto, porém, deixou em mim uma grande pena depois de minha partida de Roma, e é o de não ter tido mais tempo para me apresentar a Vossa Santidade, precisamente quando se dignara receber-me em audiência. Penso que se tratava de assunto referente ao nosso arcebispo. Seja como for, eu continuo a recomendar à bondade paterna de Vossa Santidade a situação deplorável desta diocese. Eu digo a Vossa Santidade o que os fiéis de Lião, tempos idos, diziam a Santo Eleutério, digno antecessor vosso: “Beatíssimo Padre, concedei paz à nossa Igreja e às nossas necessidades”. Certamente, não estamos em tempo de perseguição aberta e sanguinária, mas o mal vai se propagando em surdina, de forma terrível. Os bons, cujo número graças a Deus é ainda muito grande, gemem e não sabem o que fazer; os maus se tornam cada dia mais audazes; os fracos engrossam sempre mais as fileiras dos transviados. De tal modo que, se por cúmulo de desgraça, a heresia tomasse legalmente o poder, eu temeria espantosas quedas, até mesmo por parte de quem nesta diocese ocupa elevados cargos eclesiásticos. Falo diante de Deus: Vossa Santidade me perdoe.

Não sei se a ideia apresentada pelo senhor Cavour<sup>5</sup> possa oferecer alguma esperança de bem junto a Vossa Santidade. Se se tratar de estabelecer um princípio, eu não teria nenhuma confiança; tratando-se de um fato particular, pode-se esperar algum resultado, dado que ele demonstra ter ainda os mesmos desejos. De qualquer forma, para evitar males certamente difíceis a reparar, é preciso que Vossa Santidade providencie de alguma maneira a solução dos problemas da diocese de Turim. Falo isso na presença de Deus.

Corre voz e se divulga nos jornais, que deveria ser proposto para o bispado de Asti o teólogo Genta, pároco de São Francisco de Paula, nesta capital<sup>6</sup>. Como sugestão para Vossa Santidade, observo que ele é muito submisso ao governo. Há pouco tempo recebeu a cruz dos Santos Maurício e Lázaro pelo *seu zelo iluminado*: palavras do decreto. É seguidor de Gioberti e deu sinais de aprovação do matrimônio civil.

Vossa Santidade queira ter compaixão das palavras de um filho que fala prostrado aos seus pés e que o ama mais do que a si mesmo. Enquanto imploro a bênção apostólica para mim, para os meus pobres jovens, asseguro-lhe que sempre pediremos a Deus que conserve a pessoa de Vossa Santidade por longo tempo, para o bem da Igreja, e tenho firme esperança

<sup>5</sup> Trata-se do marquês Gustavo di Cavour (irmão do conde Camilo, presidente do Conselho) que lhe tinha escrito, enquanto estava em Roma, que se empenharia junto à Santa Sé pela promoção cardinalícia do arcebispo de Turim, dom Frasoni, exilado em Lião, e a nomeação de um bispo coadjutor com direito de sucessão.

<sup>6</sup> João Antônio Genta (1810-1888), que não foi nomeado bispo.

de poder empregar, com a ajuda de Deus, todas as minhas forças pelo bem da Igreja até o último respiro.

De Vossa Beatitude obrigadíssimo e humílimo filho da Santa Igreja

Sac. João Bosco

## 55. Ao papa Pio IX

Edição crítica em E(m) I, p. 368.

[Turim, fevereiro de 1859]

Beatíssimo Padre,

Humildemente prostrado, sirvo-me de pessoa de confiança que vai a Roma, o senhor cônego Sossi, da catedral de Asti<sup>7</sup>, para dizer a Vossa Santidade algo que me preocupa. De alguns textos que eu pude ter em mãos, soube repetidamente que algumas pessoas mal-intencionadas queriam se reunir em Civitavecchia, Ancona e Roma. O escopo seria o de promover ideias revolucionárias, para colocá-las em prática no fim do mês de março. Não pude obter os nomes dessas pessoas: as cartas continham simplesmente a assinatura de F. Δ'·'

A situação da nossa diocese está cada vez mais problemática: o mal cresce. Cavour<sup>8</sup> manifesta boa vontade, se for sincera, mas está rodeado de gente ruim, que o arrasta quem sabe para onde. Somente esta manhã ele me disse que quer apresentar outros candidatos para as dioceses vacantes.

Perdoe-me a liberdade com que escrevo: eu, os meus jovens, os meus clérigos e sacerdotes, rezamos todos os dias a Deus para que conceda a Vossa Santidade saúde e graça e o conserve por longo tempo para o bem da Igreja.

Todos, prostrados a seus pés, imploramos humildemente e com o maior respeito a sua santa bênção apostólica, professando-me em seu nome de Vossa Santidade obrigadíssimo filho em Cristo

Sac. João Bosco

<sup>7</sup> Antônio Vitaliano Sossi (falecido em 1891) provavelmente foi a Roma também para defender a nomeação de um bispo para a diocese de Asti, vacante desde a renúncia de dom Filipe Artico.

<sup>8</sup> Deveria tratar-se do conde Camilo (do qual se fala na nota 5), com quem Dom Bosco se encontrara depois do retorno de Roma em abril de 1858.

## 56. Ao papa Pio IX

Edição crítica em E(m) I, pp. 386-388.

Turim, 9 de novembro de 1859

Beatíssimo Padre,

Com grande ansiedade esperei encontrar um meio seguro para entrar em contato com Vossa Santidade, a fim de pedir respeitosamente a sua bênção em meio às nossas atuais tribulações e também para assegurar a Vossa Santidade o católico e filial apego à sua sagrada pessoa como sucessor de Pedro e vigário de Jesus Cristo, supremo pastor da Igreja, a quem, se alguém não estiver unido, não pode esperar a salvação. Agora posso realizar esse desejo por meio do marquês Scarampi, zeloso membro da Sociedade de São Vicente de Paulo, e assíduo colaborador dos nossos oratórios, que vai passar o inverno em Roma.

Antes de tudo, Beatíssimo Padre, nós desaprovamos fortemente o que o nosso governo fez nas Romanhas; e se não foi possível impedir o mal, mediante a palavra e os escritos sempre condenamos o que se fez por lá<sup>9</sup>. A maior parte dos padres, quase todos párocos, e poderia também dizer a maior parte dos leigos, pensam do mesmo modo, embora não tenham coragem de manifestar-se publicamente. Mas a imprensa perversa, as ameaças, as promessas de quem governa, infelizmente seduziram a muitos; outros ficaram hesitantes ou se esconderam, de tal modo que o número dos católicos corajosos é terrivelmente escasso.

Em meio a esses desastres religiosos, os bons se uniram aos seus bispos e puseram-se à sua disposição. Mas nós, turinenses, fomos e estamos expostos ao maior dos perigos. O nosso arcebispo está no exílio; o vigário-geral, só de abrir a boca está sob ameaças; os protestantes, protegidos pelas autoridades, não poupam dinheiro nem trabalhos para propagar os seus erros; a permissividade da imprensa e do ensino são coisas que se juntam para formar uma gangrena mortal para os costumes e a religião.

Apesar disso, fizemos e continuamos a fazer o que se pode para diminuir as consequências dos males. Unimo-nos numa espécie de sociedade, particularmente de padres: dedicamo-nos a difundir livros e bons jornais; pregamos; organizamos exercícios espirituais, tríduos, novenas e catecismos, sempre com

<sup>9</sup> Tratava-se da anexação de territórios do Estado Pontifício ao reino Sardo-Piemontês.

a finalidade de instilar os fundamentos da nossa religião católica e o respeito pelo supremo hierarca da cristandade. Desse modo, conseguimos conservar até agora sadios princípios religiosos em muitos jovens. Posso calcular mais de três mil os que frequentam os oratórios festivos e as aulas noturnas e diurnas, e todos eles nutrem bons sentimentos, frequentam os santos sacramentos da confissão e da comunhão, são assíduos à palavra de Deus.

Os jovens que frequentam as nossas aulas são aproximadamente quinhentos. Os internos somam trezentos; destes, dezoito, neste ano, vestiram a batina; dois entraram para a Ordem dos Pregadores. Dois acabaram de chegar ao sacerdócio; três, com a ajuda de Deus, esperam chegar no fim deste ano.

A divina Providência, de forma realmente maravilhosa, dispõe que estejamos tranquilos em nossas aulas, onde podemos manter todas as classes sem sermos molestados em nada.

Todavia, Beatíssimo Padre, não devo esconder que a tempestade ainda não passou. Temo um governo que se guia pela revolução; temo a diária diminuição dos bons católicos; temo o grande número de inimigos da ordem que se refugiam entre nós ou que vão engrossar as fileiras dos rebeldes nas Romanhas; temo também – Deus mantenha longe esse flagelo – que Vossa Santidade seja ainda mais molestado e talvez perseguido, quem sabe de quantos modos.

Digo isso como filho afeiçoadíssimo, que sempre teme algum mal para seu amado pai; por isso, peço à Santa Virgem Imaculada que nos obtenha de Deus tempos melhores entre os povos e paz para a Igreja. Para conforto de Vossa Santidade lhe direi que, desde o momento que explodiram as desordens nos Estados da Santa Sé, os meus jovens decidiram fazer todos os dias orações especiais por Vossa Santidade, e uma dezena deles se aproxima alternativamente todos os dias da santa comunhão para implorar de Deus saúde, graça e conservação de Vossa Santidade.

Disse-lhe estas poucas coisas não usando talvez o devido respeito nos sentimentos e nas palavras: digne-se conceder-me benigna compreensão.

Entretanto, prostro-me aos pés de Vossa Santidade, junto com muitos padres que trabalham comigo no ministério sagrado; uns cinquenta clérigos que aspiram ao sacerdócio; uns duzentos jovens que estudam para se iniciarem na milícia sagrada; todos os meus jovens internos e todos os que participam destes oratórios: todos, prostrados aos seus pés, invocamos a bênção apostólica como se viesse do próprio Jesus Cristo. Bênção que nos mantenha firmes na santa religião católica e que nos torne fortes e prontos, até mesmo a

dar a vida, antes que dizer ou fazer a mínima coisa contrária aos seus preceitos. Assim seja.

De Vossa Santidade filho afeiçoadíssimo obrigadíssimo apegadíssimo

Sac. João Bosco

## 57. Ao papa Pio IX

Edição crítica em E(m) I, pp. 400-401.

Turim, 12 de abril de 1860

Beatíssimo Padre,

Já bem antes de agora, Beatíssimo Padre, os meus jovens queriam dar um sinal de gratidão e de veneração a Vossa Santidade, em quem vemos um pai generoso e o vigário de Jesus. Mas os tempos eram tão tristes que para não comprometer-nos inutilmente tivemos que nos limitar a pedir a Deus por Vossa Santidade, mantendo-nos nos cantos de nossas casas e de nossas igrejas.

Atualmente, embora as coisas continuem em situação violenta, todavia, os meus jovens, por iniciativa própria, promoveram uma subscrição para oferecer o seu óbolo, ou melhor, o seu centésimo para o dinheiro de São Pedro. Os que de nenhum modo puderam tomar parte por causa da sua pobreza, se oferecem para fazer a santa comunhão segundo as intenções de Vossa Santidade e pela paz da Igreja.

A fim de favorecer este seu entusiasmo religioso, criei ânimo para depositar aos pés de Vossa Santidade o nome e o sobrenome dos doadores, com seus sentimentos simples mas sinceros, com que eles exprimem o que o afeto do seu coração sugeriu para com o melhor dos pais.

A pequena soma de dinheiro chegará a seu destino por meio da direção do jornal *L'Armonia*.

Beatíssimo Padre! Estamos num momento muito difícil. Até agora o clero piemontês se manteve firme na fé, mas agora as ameaças, as promessas, as subvenções e o mau exemplo do clero de regiões *anexas* levam a temer muito pelo futuro. Alguma parte do clero de algumas dioceses deram sinais públicos de adesão à política atual; algumas corporações re-

ligiosas fizeram repetidamente a iluminação de seus prédios para festejar a famosa anexação.

O projeto é o de não somente invadir as Romanhas, mas todas as demais províncias da Santa Sé, de Nápoles, da Sicília, etc.<sup>10</sup>. A religião é combatida, aviltada legalmente; não podemos defendê-la de outra forma, senão mediante pequenos impressos populares, aulas e catecismos.

Portanto, Beatíssimo Padre, se olharmos para a situação apoiados unicamente no socorro humano, devemos dizer que nos aproximamos de uma época de destruição da fé, época de sangue para quem quiser defendê-la.

Todavia, Beatíssimo Padre, alegre-se no Senhor. A Santa Virgem Imaculada prepara no céu um grande triunfo para a sua Igreja. Este triunfo ocorrerá dentro de pouco tempo. Verdade é que nos precederá uma catástrofe horrível de males, mas eles serão abreviados por intervenção de Deus. Nós rezamos para que termine o reino do pecado e que em tudo se faça a santa vontade de Deus. Dada a paz à Igreja, espero poder ir à cidade eterna para espelhar-me ainda uma vez na veneranda figura de Vossa Santidade antes que chegue ao termo dos meus dias.

Os meus sacerdotes, os clérigos, os estudantes e aprendizes se prostram comigo aos pés de Vossa Santidade, suplicando-lhe humildemente que receba a nossa humilde oferta, e nos dê a santa bênção apostólica, que nos torne fortes na santa religião de Jesus Cristo até a morte. *Amém*.

De Vossa Santidade humílimo, afeiçoadíssimo filho da Santa Igreja

Sac. João Bosco

<sup>10</sup> Efetivamente, depois de doze dias zarpar de Gênova para a Sicília a expedição “dos Mil”, sob o comando de José Garibaldi.

## 58. Ao papa Pio IX

Edição crítica em E(m) I, pp. 440-442.

Turim, 10 de março de 1861<sup>11</sup>

Beatíssimo Padre,

Aproveito da ocasião favorável da ida de um zeloso colaborador do jornal *L'Armonia* a Roma para dizer duas palavras a Vossa Santidade. Quantas coisas gostaria de dizer um pobre sacerdote ao chefe da cristandade! Direi tudo com a máxima brevidade.

Depois de muitas perturbações, no momento estou em paz e me deixo trabalhar livremente para os meus jovens e para a impressão das *Leituras Católicas*. De um ano para cá, as nossas aulas aumentaram quatro vezes. Atualmente temos em casa cerca de quinhentos jovens, que dão boas esperanças e que se preparam para o estado eclesiástico.

O nosso clero até agora se manteve corajosamente firme; mas se aproximam grandes provações, e se o Senhor não nos fortificar com a sua graça, temo algum naufrágio. Promessas, ameaças, opressões são três inimigos com que fomos assaltados; agora se aproxima o tempo da perseguição.

Os fiéis são fervorosos; mas cada dia que passa um grande número caminha da tibieza para um indiferentismo apático, que é a maior praga do catolicismo nos nossos países. Mas os tímidos espantaram todo o medo e se mostram intrépidos em todo lugar onde for necessário mostrar-se cristão.

Todavia, Beatíssimo Padre, esteja tranquilo, que aqui no Piemonte tem um grandíssimo número de filhos unidos, de acordo com o espírito do Senhor. Estão todos prontos, se assim Deus quiser, a dar a vida e seus bens por aquela religião santíssima da qual Vossa Santidade é o chefe visível sobre a terra, enquanto Deus o assiste desde o céu.

O que mais aflige o nosso ânimo são os desastres que ameaçam a Igreja universal. Coragem, Beatíssimo Padre, nós rezamos e cada dia multiplicamos as nossas orações pela conservação da sua sagrada pessoa. Um jovem, que de alguns anos para cá dá sinais claros de possuir luzes especiais da parte de Deus<sup>12</sup>, já se expressou diversas vezes com estas palavras: Quantas tribulações

<sup>11</sup> Dez dias mais tarde, em 17 de março, foi proclamado o reino da Itália, constituído depois da anexação dos territórios subtraídos ao Estado Pontifício e ao reino das Duas Sicílias.

<sup>12</sup> Não se conhece o nome do rapaz.

haverão de atingir o coração paterno de Pio IX. A Virgem Imaculada envia ao santo padre um grande ramalhete de rosas, mas ele deverá apanhá-las do lado onde há pungentes espinhos.

Outra pessoa é do parecer que, se Deus não mudar seus desígnios, Vossa Santidade deverá abandonar novamente Roma; o que será um grande bem em meio ao mal, pois povos inteiros correrão para venerá-lo; milhões de homens abraçarão o catolicismo, movidos unicamente pela grandeza das tribulações do vigário de Cristo, que com este meio iluminará tantas almas redimidas pelo nosso Salvador.

Em suma, aproximam-se acontecimentos espantosos, talvez inauditos na história das nações, mas Vossa Santidade obterá sobre tudo isso o mais glorioso triunfo quando, após sanguinosos conflitos, voltará a ser possuidor tranquilo dos seus Estados, acolhido pelo amor dos seus povos, abençoado pelos reis e pelas nações.

Mas, e os governantes, os seus seguidores, que são a causa de tantos males? Os que são a causa destes males ou então que poderiam impedi-los e não os impedem, esses estão nas mãos de Deus como um bastão de que ele se serve para punir os delitos dos homens; em seguida o bastão será quebrado e atirado ao fogo.

De qualquer forma, nós rezamos e continuaremos a pedir a Deus misericordioso para que conserve e proteja o seu vigário e conceda a paz à sua Igreja. No momento, vã é a esperança nos homens; só Deus pode ajudar-nos.

Vossa Santidade, Beatíssimo Padre, já me concedeu tantos favores; a eles queira acrescentar ainda este de perdoar a maneira demasiado confidencial com que lhe escrevi. Atribua tudo à bondade do seu coração e ao grande afeto que nutro para com sua venerada pessoa.

Finalmente se digne conceder a mim e aos meus jovens a sua santa bênção apostólica enquanto me prostro humildemente

De Vossa Beatitude afeiçoadíssimo filho

Sac. João Bosco

## 59. Ao papa Pio IX

Edição crítica em E(m) I, pp. 552-554.

Turim, 13 de fevereiro de 1863

Beatíssimo Padre,

Queira usar da sua costumeira bondade ao permitir que eu, pobre mas afeiçoadíssimo filho da Santa Madre Igreja, mediante a zelosa caridade da católica marquesa Landi, desfrute da mais preciosa consolação de poder prostrar-me aos sagrados pés de Vossa Santidade e exprimir alguns afetos filiais do meu coração.

Antes de tudo, desejo apresentar-lhe os mais sinceros sinais de gratidão da minha parte, da parte de muitos dos meus colegas e jovens pelos muitos favores espirituais que em diversas ocasiões nos concedeu. Esses favores foram para nós poderoso estímulo, a fim de nos esforçarmos para corresponder com a oração e com a solicitude, para promover, na nossa pequenez, a glória de Deus e o bem das almas.

Os assuntos de religião e os sagrados ministros, de dois anos para cá, foram expostos a graves desafios nos nossos países, quer por causa das tradicionais subvenções dos protestantes, quer pelas ameaças e também pela opressão das autoridades, quer pelo abandono de não poucos dos que tinham sido postos como guardas da casa do Senhor. A isso se acrescenta a instrução não católica da juventude nas escolas primárias e secundárias, o que produziu dois tristes efeitos: contribuiu para a mania de ler escritos sedutores e irreligiosos e para recusar o que é fundamental na religião: portanto, uma sensibilíssima diminuição das vocações ao estado eclesiástico e religioso, e certo desdém para com os que se sentem chamados.

Os jornais e os livros ímpios continuam a ser impressos, a multiplicar-se, a difundir-se, mas com êxito muito menos feliz para os inimigos da religião. Isto por causa do aumento dos jornais e dos livros bons e do maior empenho com que os católicos se dedicam a promover a boa imprensa e a propagá-los.

Entretanto, entre tantos motivos de aflição temos também razões para nos consolar. O respeito e a veneração por Vossa Santidade cresceu muito entre os bons, manteve-se e aumentou muito entre os próprios inimigos da fé. Isto é devido ao comportamento intocável, às belas obras, à firmeza de Vossa Santidade. *Omnia ad majorem Dei gloriam.*

A morte ou o exílio de não poucos bispos<sup>13</sup> gerou certa desconfiança nos menos fervorosos e fez com que o clero se unisse mais entre si, orientando exclusiva e diretamente o pensamento para o centro da verdade, o vigário de Jesus Cristo. Os bispos continuam a estar maravilhosamente unidos; o clero do Piemonte tem um só pensamento com os bispos e com Roma; o clero de outras províncias (*flens dico*) desonrou a si mesmo em não pequeno número. O único consolo neste desastre é a firmeza e a prudência dos bispos com que conseguiram impedir a queda de muitos e o retorno de não poucos. Direi algo estranho, mas creio que seja verdadeiro: neste momento parece que o bem praticado pelos bispos é maior por estarem eles no exílio ou nas prisões do que se estivessem nas próprias sedes, dado que com isso publicam, defendem o princípio da autoridade divina no seu chefe visível, que é a base da nossa santa religião católica.

Embora tenhamos que ser testemunhas de frequentes espoliações de lugares e de pessoas sagradas, todavia, nada até agora se deixou faltar quanto ao culto divino. Muitas igrejas estão sendo construídas ou restauradas. Só na cidade de Turim estão em construção quatro igrejas destinadas a serem paróquias, uma das quais a de *Maria Auxilium Christianorum*.

Dado que Vossa Santidade, já na outra vez, dignou-se ouvir falar dos oratórios, direi alguma coisa sobre eles. Seu número é de cinco, nos quais temos a mais do que satisfatória afluência de jovens que comparecem para ouvir a palavra de Deus e frequentar os santos sacramentos. O número dos que frequentam os oratórios nos dias santos excede normalmente o de três mil. No Oratório de São Francisco de Sales há internato, aulas e frequência dos jovens de todas as partes da cidade nos dias festivos. Os internos nesta nossa casa são setecentos; desses, quinhentos e cinquenta aspiram ao estado eclesiástico; todos os anos alguns chegam ao sacerdócio e vão exercer o sagrado ministério em várias localidades.

Enquanto isso, Beatíssimo Padre, os jovens dos nossos oratórios continuam a rezar pela conservação dos dias preciosos de Vossa Santidade e pelo triunfo da Santa Madre Igreja. Todos os dias há um número considerável de comunhões; de manhã e à noite fazemos orações à Bem-aventurada Virgem Imaculada; durante o dia são frequentes as visitas ao Santíssimo Sacramento; tudo isso para invocar a divina misericórdia, a fim de que Deus se digne mitigar os flagelos que há vários anos ocorrem de forma grave e terrível nas nossas localidades, e para que restitua os belos dias de paz para a Igreja e para os povos.

<sup>13</sup> Uns cinquenta bispos tinham sido exilados durante o breve governo de Rattazzi de 1862 (março-dezembro).

Infelizmente, Beatíssimo Padre, ainda devemos fazer a grande passagem *per ignem et aquam*, e esta passagem que parecia tão distante agora se tornou bem próxima. Vossa Santidade acolha o elevado pensamento que Deus inspira ao seu coração, proclamando por toda parte a veneração ao Santíssimo Sacramento e a devoção à Bem-aventurada Virgem, que são as duas âncoras de salvação para a pobre humanidade. Muitos fiéis rezam por Vossa Santidade, Beatíssimo Padre, a fim de que – esteja certo disso –, no tempo da provação, a Santa Virgem lhe sirva de apoio e Jesus Sacramentado o livre de todos os perigos.

Tendo tido a grande consolação de poder falar com Vossa Santidade, peço queira ter benigna compreensão pela ousadia a que me deixei levar pelo grande afeto que nós temos aqui pela sua sagrada pessoa.

Por fim, queira acrescentar ainda um traço de sua especial bondade, concedendo a sua santa bênção apostólica ao numeroso grupo de sacerdotes, clérigos, leigos e jovens que se unem a mim para pedi-la humildemente, enquanto em nome de todos tenho a maior consolação de poder prostrar-me aos pés de Vossa Santidade

Pobre mais afeiçoadíssimo filho

Sac. João Bosco

## 60. Ao papa Pio IX

Edição crítica em E(m) II, pp. 69-70.

Turim, 25 de agosto de 1864

Beatíssimo Padre,

O teólogo advogado Emiliano Manacorda, zeloso colaborador dos nossos oratórios<sup>14</sup>, vai a Roma para continuar a se dedicar ao sagrado ministério, como fez até agora. A divina Providência o dotou de meios econômicos, e ele não tem outro objetivo que não seja o de empregar sua vida e seus bens no que Vossa Beatitude considerar ser para a maior glória de Deus.

<sup>14</sup> Emiliano Manacorda (1833-1909), sacerdote de Asti, trabalhando na cúria romana, era muito íntimo de Dom Bosco, que apoiou sua candidatura para a sede episcopal de Fossano: cf. E(m) III, pp. 382-383.

Sirvo-me deste benfeitor dos nossos jovens para exprimir a Vossa Santidade alguns sentimentos de gratidão, Beatíssimo Padre. Agradeço-lhe quanto sei e posso pela bondade com que se dignou acolher o projeto da Sociedade de São Francisco de Sales. Já recebi um decreto de aprovação da Sociedade de modo geral, com algumas observações a respeito das Constituições. Procurarei atender a tudo o que me foi pedido; depois as reenviarei a Vossa Beatitude a fim de que se digne completar a obra que começou sob os seus santos auspícios. Parece mesmo que Deus está sendo generoso em bênçãos. Já mais de cem membros fazem parte desta Sociedade; quatro casas e cinco oratórios foram abertos com a presença de jovens de toda idade e condição. Frequentemente seu número passa de três mil.

A nossa situação em questão de religião parece que chegou ao ponto final; entre nós, todos os dias aparecem sinais sensíveis da mão do Senhor. *Est Deus in Israel*. Nas antigas províncias da Sardenha continua um perfeito acordo entre bispos e o clero de todas as condições. Verdade é que a imprensa religiosa muitas vezes é ameaçada, multada, punida; os ministros sagrados são enganados com belas palavras, perseguidos e às vezes encarcerados; apesar disso, nada se teme e em todos só há um olhar voltado para Roma, para o vigário de Jesus Cristo.

Coragem, Beatíssimo Padre, o tempo está próximo; as consolações estão sendo preparadas, Deus está com Vossa Santidade. Nós aqui, de manhã e de noite, pedimos a Deus e à Santa Virgem pela conservação *ad multos annos* da sagrada pessoa de Vossa Beatitude, a fim de que possa ver com seus próprios olhos o triunfo da religião e a glória da Santa Igreja.

Perdoe-me esta liberdade, Beatíssimo Padre, eu sou o pobre e último dos seus filhos, mas Vossa Santidade é nosso pai e saberá compadecer-se benignamente. Muitos sacerdotes párocos, vigários, cônegos, clérigos e vários milhares de jovens se unem a mim para oferecer a Vossa Beatitude os seus bens, o seu coração, a sua vida. Dê-nos o tão desejado conforto da sua santa bênção apostólica.

Com grande estima, com a mais sentida gratidão, com a mais terna devoção, prostro-me aos pés de Vossa Beatitude, enquanto embora indigno ouse professar-me,

De Vossa Beatitude, pobre e obrigadíssimo filho,

Sac. João Bosco

## 61. Ao papa Pio IX

Edição crítica em E(m) II, pp. 128-130.

Turim, 30 de abril de 1865

Beatíssimo Padre,

Para mim é sempre uma grande consolação, Beatíssimo Padre, todas as vezes que, também em nome dos meus companheiros e colegas, posso falar ao mais querido, ao mais amado dos pais. O portador desta carta é o marquês Fassati, que vai a Roma unicamente por espírito de devoção. Ele é insigne benfeitor desta casa e, se a igreja de Maria Auxiliadora já está com as paredes levantadas, em grande parte se deve à benemérita família Fassati.

Esta igreja, Beatíssimo Padre, está subindo com grande rapidez; encontrando-me em apuros pela falta de dinheiro, decidi usar o meio que Vossa Beatitude se dignou sugerir-me mediante um nosso benfeitor, isto é, a rifa. Em relação a isto, suplico a Vossa Beatitude dois favores: conceder a sua santa bênção a quem se dedica a este tão desejado edifício sagrado e enviar-nos algum brinde para ser posto no início do catálogo dos objetos a rifar.

Nos dias passados mergulhamos em gravíssima consternação por causa da lei do matrimônio civil, e isto era tanto mais sensível por se atribuir a causa a dom Di Giacom<sup>15</sup>. Quem sabe, na questão em debate a respeito dos bispos, seja possível obter alguma modificação?

Quinta-feira (27 de abril) foi abençoada pelo bispo de Susa a pedra fundamental da igreja de *Maria Auxilium Christianorum* e ocorreu uma bela e gloriosa coincidência. Das duas às três da tarde fez-se a sagrada celebração, da qual participaram mais de mil pessoas pertencentes às primeiras famílias desta cidade. Ora, enquanto todos ajoelhados rezavam à grande Mãe de Deus a fim de que anulasse os assaltos dos inimigos das congregações religiosas e dos bens eclesiásticos, na mesma hora nasceu um desacordo na câmara dos deputados, a sessão é suspensa, depois é retirada a infausta lei, que de manhã parecia que seria aprovada sem nenhuma oposição<sup>16</sup>.

<sup>15</sup> Januário Di Giacomo (1796-1878), bispo de Alife (Caserta); amigo do rei Vitória Emanuel II, foi por ele nomeado senador do reino em 1863; nos dias anteriores, no senado, ele tinha participado do debate sobre o matrimônio civil.

<sup>16</sup> No dia 27 de abril, o guarda-selos José Vacca tinha solicitado a suspensão da discussão do seu projeto de lei para a liquidação dos bens eclesiásticos; no dia 28 de abril, um decreto real ordenou a retirada do projeto.

Beatíssimo Padre, nós continuamos de manhã e de tarde a fazer orações especiais em comum para que Deus o ajude a consertar da melhor maneira possível o grave desastre que cada dia se torna mais calamitoso, caso ainda haja alguma dilação. Refiro-me ao retorno e à nomeação dos bispos<sup>17</sup>. Todos estão em grande agitação, pensando no que o papa fará; mas todos logo se confortam, dizendo: seja qual for a solução, se ela foi tratada pelo papa, será sempre coisa bem feita e todos os fiéis aprovarão.

No mês de março enviei à Congregação dos Bispos e dos Regulares as Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales, adaptadas às observações que me tinham sido feitas. Recomendo tudo às tantas vezes provada bondade paterna de Vossa Santidade. O número dos sócios ultrapassa os cem. As casas abertas até agora são sete; as Regras e a disciplina são observadas, tanto quanto humanamente se pode desejar.

Coragem, santo padre, nós redobramos as nossas orações a fim de que chegue quanto antes o dia em que Vossa Santidade possa cantar pessoalmente o *Te-Deum* que assinalará a paz da Igreja e a glória do pontificado de Pio IX. Parece-me estar muito próximo esse dia, mas antes desta paz deveremos ainda enfrentar sérias batalhas.

Deus abençoe Vossa Santidade, e a Santa Virgem o conserve *ad multos annos* para o bem da Igreja. Digne-se conceder a sua santa e apostólica bênção a mim e a todos os meus pobres jovens, com os quais humildemente me prostro, considerando ser sempre o momento mais belo da minha vida quando posso ter a alta honra de professar-me,

De Vossa Beatitude, obrigadíssimo e afeiçoadíssimo filho,

Sac. João Bosco

<sup>17</sup> Estavam em curso tratativas entre o cardeal Antonelli e o enviado do governo, Xavier Vegezzi, para solucionar as dificuldades em relação à nomeação dos bispos de muitas sedes vacantes da Itália. Dom Bosco talvez participou desta retomada das tratativas: nota 20.

## 62. Ao papa Pio IX

Edição crítica em E(m) I, pp. 201-202.

Turim, 25 de janeiro de 1866

Beatíssimo Padre,

A marquesa Amat de Villaríos, nossa insigne benfeitora, vai a Roma, e eu tomo a liberdade de servir-me desta fervorosa católica para exprimir a Vossa Santidade alguns pensamentos da minha parte, da parte dos jovens e de muitos colegas no sagrado ministério.

A Obra dos Oratórios continua sem nenhuma perturbação; no curso do ano passado abrimos um novo, e se Deus permitir, abriremos mais um no próximo verão.

Os jovens recolhidos em três casas separadas são mil e duzentos, dos quais cerca de cem, todos os anos vestem a batina e em geral vão para os seminários das próprias dioceses. Os que tiverem o nosso espírito ficam para fazer parte da Sociedade de São Francisco de Sales, que no presente conta com cento e dez religiosos.

De manhã e de noite continuamos a fazer em comum orações especiais pelas atuais necessidades da Santa Igreja, especialmente pela conservação dos dias preciosos de Vossa Santidade.

De modo geral, neste ano teme-se uma grande prova. Será uma pestilência? Uma guerra? Uma carestia? Seja como aprouver a Deus, contanto que não nos seja tirada a vinha evangélica e confiada a cultivadores melhores.

Um verdadeiro desastre entre nós foi a questão do estado civil, que teve início no primeiro dia deste ano<sup>18</sup>. Além das consequências imorais que se seguirão, produz mal-estar entre os bons fiéis e sementes de discórdia entre a autoridade civil e eclesiástica. O que grandemente nos conforta em meio a todo este mal é a estreita concórdia que há entre os fiéis e o clero, do clero com o bispo, dos bispos com a voz do supremo hierarca da Igreja.

Quanto ao mais, entre nós, se escreve, se prega e se faz catecismo com muito bom êxito. Há muitas confissões e o sacramento da comunhão é muito frequentado. Por sinal, o objeto da nossa fé e das práticas de piedade pode-se

<sup>18</sup> A referência é aos novos códigos que entraram em vigor no reino da Itália no início do ano, nos quais se contemplava também a legislação matrimonial, a que se refere a carta anterior.

dizer que é Jesus no Sacramento da Eucaristia e a devoção a Maria Santíssima Imaculada. A propósito da devoção à grande Mãe de Deus, Vossa Santidade sabe que a igreja de Maria Auxiliadora, recomendada e aprovada por Vossa Santidade, já está bem adiantada. As paredes estão terminadas, o telhado coberto; agora esperamos que a divina Providência nos ajude a terminar a sua obra. Não é a igreja mais rica desta cidade, mas todos dizem que é a mais majestosa e talvez também a mais adequada para alimentar a piedade dos fiéis.

As *Leituras Católicas* continuam e os associados ultrapassam os doze mil, e parece que são lidas com gosto. Este ano é o décimo quarto desde que foram iniciadas e que se publicam. Pedimos sua santa bênção a fim de que possamos continuar.

A Sociedade de São Francisco de Sales progride com satisfação. A disciplina e o zelo são observados, e não permitimos que nada fique a desejar.

Aliás, a expectativa de todos os seus membros está voltada para a Santa Sé, suspirando pela definitiva aprovação das Constituições, quando e da maneira que Vossa Santidade julgar ser para a maior glória de Deus e o bem das almas.

Todos os meus colegas párocos e simples sacerdotes, os membros da Sociedade de São Francisco de Sales, todos os nossos jovens internos ou que frequentam os oratórios festivos, prostrados aos pés de Vossa Santidade, dispostos a dar saúde, bens e vida por aquela religião da qual Vossa Santidade é o chefe, invocam sua santa e apostólica bênção.

E eu, o mais afortunado de todos, tenho a alta honra de poder professar-me, em nome de todos, com a mais sentida gratidão e a mais profunda veneração

De Vossa Santidade obrigadíssimo humílimo e afeiçoadíssimo filho

Sacerdote João Bosco

### 63. Mensagem onírica reservada ao papa Pio IX

Edição crítica em Cecilia ROMERO, *I sogni di don Bosco*. Leumann (Turim), Elle Di Ci 1978, pp. 29-32.

24 de maio - 24 de junho de 1873

Era uma noite escura, os homens não podiam mais enxergar o caminho para voltar para a própria terra, quando apareceu no céu uma luz fortíssima que iluminava os passos dos caminhantes como se fosse meio-dia. Naquele momento viu-se uma multidão de homens, mulheres, velhos, crianças, monges, monjas e sacerdotes, tendo à frente o pontífice, saindo do Vaticano e perfilando-se em procissão.

De repente, porém, um tremendo temporal, amortecendo um pouco aquela luz, parecia dar início a uma batalha entre a luz e as trevas. Entretanto, chegou-se a uma pequena praça coberta de mortos e feridos, dos quais vários pediam ajuda em alta voz. As filas da procissão se distanciaram muito. Após ter caminhado por um espaço de aproximadamente duzentas vezes o amanhecer do sol, todos se deram conta de que não estavam mais em Roma. A aflição invadiu o ânimo de todos e os que ali estavam se agruparam em torno do pontífice para defender sua pessoa e assisti-lo em suas necessidades.

Naquele momento apareceram dois anjos que carregavam um estandarte e foram apresentá-lo ao pontífice dizendo: *Recebe o estandarte d'aquela que combate e dispersa os mais fortes exércitos da terra. Os teus inimigos desapareceram, os teus filhos, com lágrimas e suspiros, suplicam o teu retorno.*

Olhando para o estandarte, de um lado via-se escrito: *Regina sine labe concepta*; e do outro: *Auxilium Christianorum*.

O pontífice pegou o estandarte com alegria, mas olhando para o pequeno grupo daqueles que lhe estavam ao redor, ficou muito aflito.

Os dois anjos acrescentaram: *Vai logo confortar os teus filhos. Escreve aos teus irmãos, dispersos pelas várias partes do mundo, que é necessária uma reforma nos costumes dos homens. Isto não pode ser obtido a não ser repartindo para os povos o pão da palavra divina. Catequizei as crianças, pregai o desapego das coisas da terra. Chegou o tempo, concluíram os anjos, em que os pobres serão os evangelizadores dos povos. Os levitas serão procurados entre a enxada, a pá e o martelo, a fim de que se realizem as palavras de Davi: Deus levantou o pobre da terra para colocá-lo no trono dos príncipes do teu povo.*

Ouvindo isto, o pontífice se moveu e as filas da procissão começaram a engrossar novamente. E quando colocou os pés na cidade santa, começou a chorar por causa da desolação em que se encontravam os cidadãos, muitos dos quais não existiam mais, e tendo entrado em São Pedro, entoou o *Te-Deum*, ao qual um coro de anjos respondeu: *Gloria in excelsis Deo, et in terra pax hominibus bonae voluntatis*.

Terminado o canto, acabou toda escuridão e brilhou intensamente o sol; as cidades, as vilas, os campos tinham diminuído muito de população, a terra estava como se tivesse sido arrasada por um ciclone, pela chuva e pelo granizo, e as pessoas corriam umas ao encontro das outras, comovidas, dizendo: *Est Deus in Israel*.

Do início do exílio até o canto do *Te-Deum*, o sol se levantou duzentas vezes. O total do tempo que passou enquanto ocorriam todas aquelas situações corresponde a quatrocentas vezes o levantar do sol.

A pessoa que comunicou estas notícias é a mesma que predisse os acontecimentos da França um ano antes e que se verificaram ao pé da letra.

Em muitos lugares era possível ler as predições que se verificaram dia por dia, como se tivessem sido escritas num jornal depois de acontecidas.

Segundo a mesma pessoa, a França, a Espanha, a Áustria e uma potência da Alemanha seriam escolhidas pela divina Providência para impedir o desmantelamento social e dariam paz à Igreja, há tanto tempo e de tantas formas combatida. Os acontecimentos começariam na primavera de 1874 e se encerrariam no espaço de um ano e alguns meses, contanto que novas iniquidades não venham opor-se à vontade divina.

## II. INDICAÇÕES À SANTA SÉ PARA A ESCOLHA DE NOVOS BISPOS PARA AS SEDES VACANTES (1867-1877)

*Um dos contrastes mais árduos a resolver nas relações entre a Santa Sé e o novo reino da Itália era o das dezenas de sedes episcopais vacantes por razões políticas. Ambas as partes em causa estavam conscientes da gravidade dessa situação, mas as tentativas de resolvê-las nos inícios da década de 1860 tinham naufragado miseravelmente por causa do fortíssimo atrito provocado pela proclamação do reino que açambarcou os territórios subtraídos ao Estado Pontifício (1861). Somente nos anos 1865-1867 encaminhou-se um processo de distensão, pelo qual, superadas as recíprocas resistências, a Santa Sé conseguiu nomear, de acordo com as autoridades do reino, muitos bispos.*

*Dom Bosco, envolvido nessas complexas tratativas diplomáticas na qualidade de encarregado oficioso da Santa Sé, a fim de estabelecer contatos, fazer pressões, referir, tentar uma mediação, tinha feito a sua parte em favor de dezenas de sedes episcopais vacantes no Piemonte<sup>19</sup>. Em 1865 interveio para encaminhar a que seria chamada a missão Vegezzi, que se encerrou sem resultados; em 1866-1867 fora contactado pelo mediador Tonello, por convite do presidente do Conselho Ricasoli, e ao longo desses contatos tinha proposto candidatos aceitos por ambas as partes.*

*Nos anos seguintes continuou a comunicar ao cardeal secretário de Estado o agrado popular e das autoridades civis pelas nomeações feitas, a exprimir as suas opiniões, esperanças e perplexidades a respeito de alguns deles, a sugerir nomes de candidatos conhecidos por ele que se distinguiam por piedade, doutrina, prudência e sintonia com a Santa Sé.*

*Como é óbvio, a de Dom Bosco era uma voz, aliás bem aceita por ambas as partes, mas havia muitas outras vozes que se levantavam ao mesmo tempo para se posicionar a favor ou contra a política de entendimento; havia muitos elementos positivos e negativos que entravam no jogo para fazer avançar ou retroceder as tratativas em curso; havia muitas outras personalidades que expressavam pareceres diferentes a respeito das novas nomeações pontifícias e da transferência de alguns prelados. É lógico, portanto, que vários candidatos sugeridos por Dom Bosco tenham sido de fato nomeados bispos, ao passo que outros não.*

*A este respeito, publicamos a seguir seis cartas: cinco enviadas ao cardeal secretário de Estado Tiago Antonelli, e uma muito posterior (1877) ao sucessor, cardeal João Simeoni. Dom Bosco, em seguida, se interessará pelas nomeações episcopais na Argentina, inclusive a do missionário salesiano padre João Cagliero.*

<sup>19</sup> A história completa do caso é apresentada em Francesco MOTTO, *L'azione mediatrice di don Bosco nella questione delle sedi vescovili vacanti in Italia*. (= Piccola Biblioteca dell'ISS, 8). Roma, LAS 1988.

## 64. Ao secretário de Estado, cardeal Tiago Antonelli

Edição crítica em E(m) I, pp. 349-350.

Turim, 5 de abril de 1867

Eminência reverendíssima,

Sirvo-me de pessoas particulares para escrever com certa liberdade, o que não quereria fazer pelo correio. Quanto à deputação de Fossano, ouvirá tudo dos cônegos Viara e Rossi, ótimos eclesiásticos que foram enviados a fim de promover a nomeação do seu bispo.

Dos que foram nomeados para a nossa região, Gastaldi para Saluzzo, Galletti para Alba, Savio para Asti, a satisfação é universal e todos esperam bom desempenho, mesmo os que se mostram contrários à autoridade eclesiástica. O mesmo se espera de Colli para Alessandria\*, Calabiana para Milão, Ferrè para Casale.

Algo muito digno de ser levado em consideração é a situação de monsenhor Balma. Este digno prelado goza merecidamente da fama de santo. Seu comportamento público e privado mostra ser de fato assim; há vinte anos trabalha para as dioceses vacantes, não poupando fadigas de viagens e de ministério. Mas agora, o fato de não ser de modo nenhum nomeado, está causando uma má impressão em todos e se fazem mil conjeturas. Tanto mais que ele passa por verdadeiras necessidades e vive de esmolos de pessoas benévolas que lhe passam caridosos subsídios.

Leve isto em consideração e veja o que pode fazer por uma pessoa publicamente conhecida como pia, douta, prudente e zelosa.

Entre as pessoas que aqui gozam de fama de virtude e que seriam bem acolhidas por qualquer autoridade estão: Salvay, vigário-geral de Alba; Garga, vigário-geral de Novara; Bottino, cônego cura da catedral de Turim; Nasi, cônego da mesma; mas de modo especial merece consideração o teólogo Marengo, que é professor de teologia no seminário de Turim, trabalha muito no sagrado ministério com a pena e com a palavra. Essas pessoas são perfeitamente afeiçoadas à Santa Sé.

Talvez o senhor veja nisto confiança demais no escrever, mas, como teve a bondade de me acolher como pai, e eu me sinto levado a falar com a palavra e o coração como filho, queira compadecer-se de mim.

\* Alessandria (pronuncia-se “Alessândria”), cidade italiana do Piemonte, a não confundir com Alexandria, no Egito.

Renovo-lhe o pedido de oração pela nossa pobre Congregação de São Francisco de Sales; nós continuamos a rezar para que se conserve sempre sua preciosa saúde. Deus nos ouça.

Com grande estima e com a mais sentida gratidão, considero ser uma grande honra para mim professar-me,

De sua eminência reverendíssima, humílimo, obrigadíssimo servidor,

Sac. João Bosco

## 65. Ao secretário de Estado, cardeal Tiago Antonelli

Edição crítica em E(m) III, pp. 369-371.

[Roma, 12 de setembro de 1871]

[Eminência reverendíssima],

Ponderadas bem as coisas diante de Deus, depois de fazer orações especiais, parece-me que posso propor como modelos de vida pastoral:

1º João Batista Bottino, teólogo, cônego, cura da catedral, pregador famoso.

2º Celestino Fissore, cônego, *idem*. Há muitos anos, vigário-geral da diocese de Turim, doutor agregado, célebre canonista.

3º Jorge Oreglia, cônego preboste, vigário-geral capitular da diocese de Fossano.

Os quatro estão bem economicamente.

O cônego Luís Nasi, homem de grandíssimos méritos, mas de saúde bastante precária.

O cônego Gazzella e o cônego Morozzo seriam de se admitir, pois agradam ao soberano, mas no caso atual, seria menos oportuno escolhê-los do que os cônegos Celestino Fissore, João Batista Batta, Jorge Oreglia.

Menos oportuno seria o preboste Gasti, vigário forâneo de Castel Ceriolo; mas é muito desejado pelo rei, a quem é grandemente afeiçoado, embora seguro na sã doutrina.

Monsenhor André Scotton, cônego de Bassano, Vêneto, pregou neste ano com grande sucesso na catedral de Turim. Mostrou-se piedoso e muito douto. Pelas muitas obras e relações parece digno de consideração. É pessoa que está bem economicamente, de muita saúde e coragem.

Por muitos é recomendado o cônego Siboni, vigário-geral capitular de Albenga.

Dom Gastaldi, bispo de Saluzzo, é visto pelos bons como candidato para Turim, dada sua ciência e piedade. Sendo doutor agregado em teologia, pode contribuir bastante em moderar os estudos da universidade de Turim, da qual ele faria parte.

[Sac. João Bosco]

## 66. Ao secretário de Estado, cardeal Tiago Antonelli

Edição crítica em E(m) III, pp. 418-419.

[Turim, 4 de abril de 1872]

[Eminência reverendíssima],

Entre os eclesiásticos com fama de zelosos, pios, doutos, prudentes, afeiçoados à Santa Sé e que trabalham muito no sagrado ministério, que poderiam ser postos entre os candidatos a dioceses vacantes, por exemplo, as de Aosta e de Bobbio, parece poder-se indicar:

- O cônego Duc, atual vigário-geral capitular da catedral de Aosta.
- O preboste Silvestre Tea, reitor da paróquia principal da cidade de Ivrea, sob o título de São Salvador: de muita doutrina.
- O cônego Salvaj, há muitos anos vigário-geral de Alba.

[Sac. João Bosco]

## 67. Ao secretário de Estado, cardeal Tiago Antonelli

Edição crítica em E(m) IV, pp. 53-54.

[Turim], 17 de fevereiro de 1873

Eminência reverendíssima,

Deus chamou a si o bispo de Biella e alguém me diz que também o de Tortona.

Não pretendo fazer propostas, mas somente acenar. Segundo a voz pública, bispos adequados para as necessidades de hoje seriam:

1° O cônego Jorge Giorgio Origlia, cônego, preboste, vigário-geral de Fossano.

2° O barão Luís Nasi, cônego da catedral de Turim, de família muito nobre, mas católico firme.

3° O teólogo Silvestre Tea, reitor e pároco da cidade de Ivrea.

São todos pios, doutos, prudentes e trabalham com sucesso no sagrado ministério.

Espero poder saudá-lo pessoalmente dentro de poucos dias; entretanto, tenho a honra de professar-me,

De vossa eminência reverendíssima, obrigadíssimo servidor,

Sac. João Bosco

## 68. Ao secretário de Estado, cardeal Tiago Antonelli

Edição crítica em E(m) IV, pp. 118-119.

[Turim], 10 de junho de 1873

Eminência reverendíssima,

Deus chamou a si o zeloso pastor, coluna da Igreja subalpina, o bispo de Mondovì, dom Ghilardi.

Parece que um bom sucessor poderia ser a pessoa do cônego Estanislau Eula, cura arcepreste da catedral daquela cidade. Por todos conhecido como pio, douto, prudente, é muito erudito na ciência canônica e teológica. Prega muito, é afeiçoadíssimo à Santa Sé.

Somente aceno. O senhor faça o que Deus lhe inspirar.

Eu me sinto sempre contente de poder dar-lhe um sinal de profunda veneração e de garantir-lhe que rezamos pelo senhor, enquanto me professo,

De vossa eminência reverendíssima, obrigadíssimo servidor,

Sac. João Bosco

## 69. Ao secretário de Estado, cardeal João Simeoni

Edição crítica em E(m) IV, pp. 396-397.

Turim, 27 de junho de 1877

Eminência reverendíssima,

Faleceu o bispo de Albenga, dom Siboni, e eu ousou recordar a sua eminência os mesmos que, com o conselho do arcebispo de Gênova, indiquei ao eminentíssimo cardeal Antonelli.

Talvez o vigário Della Valle, conhecendo muito bem a diocese, poderia fazer melhor; mas eu passo tudo às mãos de vossa eminência, pedindo a Deus que o ilumine na escolha de um pastor que corresponda às necessidades.

Digne-se aceitar o pobre tributo das nossas orações comuns, enquanto tenho a alta honra de professar-me,

De vossa eminência reverendíssima, humilde servidor,

Sac. João Bosco

O padre Antônio Campanella, doutor, professor de eloquência, preboste cura do Carmo, Gênova. O abade mitrado de Nossa Senhora dos Remédios, Gênova. Padre André Scotton, célebre pregador, prelado de Sua Santidade, insigne escritor, muito amado e conhecido na diocese de Albenga, embora more ordinariamente em Bassano, Vêneto.

### III. INTERVENÇÕES PARA A SOLUÇÃO DA QUESTÃO DO PATRIMÔNIO EPISCOPAL (1872-1874)

*A lei das garantias de 13 de maio de 1871 e os decretos para sua aplicação exigiam que os bispos de recente nomeação, para ter o direito de entrar na posse do patrimônio diocesano –, as assim chamadas “temporalidades”<sup>\*</sup> – deviam apresentar ao ministério do governo o original da bula de nomeação e pedir formalmente a concessão do exequatur. Esse ato, segundo o juízo da Santa Sé, implicava o reconhecimento do reino da Itália surgido em 1861, compreendendo parte do Estado Pontifício, subtraído “ilegitimamente” ao pontífice.*

*Ora, não estando a Santa Sé disposta ao reconhecimento, mesmo indireto, do novo reino, e não querendo o governo renunciar à própria posição, os bispos se encontraram entre a bigorna e o martelo, entre a irredutibilidade vaticana e a intransigência ministerial. Por isso, deviam contentar-se com o subsídio papal, e os que tinham dado passos não autorizados pela Santa Sé (Montecassino, Saluzzo) foram repreendidos e punidos. Tentaram-se várias formas de compromisso, resolveu-se positivamente algum caso, mas a situação permanecia bloqueada.*

*Dom Bosco, em 1872, baseando-se em alguns entendimentos orais com os ministros dos anos anteriores, por iniciativa pessoal, interveio novamente em duas direções, mas não encontrou ouvidos na sede vaticana. No biênio seguinte, o Vaticano pareceu renunciar à sua absoluta intransigência, aceitando a hipótese de outro compromisso, o da apresentação ao governo por parte de qualquer autoridade, mesmo de um notário, de uma cópia das bulas de nomeação, elaborada com base nas bulas expostas nas sacristias. Dom Bosco tinha-se mantido em estreito contato com as duas partes em causa, apesar dos ataques de algum zeloso expoente vaticano.*

*Quando, na metade de janeiro de 1874, parecia que a questão caminhava para a solução pela recíproca aceitação da citada fórmula, tudo estancou definitivamente por causa da oposição do governo, devida talvez também a pressões internacionais. O traço de união constituído por Dom Bosco, que não tinha poupado viagens, colóquios e cartas com vários expoentes políticos e vaticanos, não conseguira fazer “conciliar o inconciliável”<sup>20</sup>.*

<sup>20</sup> Cf. Francesco MOTTO, *La mediazione di don Bosco fra Santa Sede e governo per la concessione degli “exequatur” ai vescovi d’Italia (1872-1874)*. (= Piccola Biblioteca dell’ISS, 7). Roma, LAS 1987.

\* Essa questão na Itália ficou conhecida como a questão das “temporalidades”, isto é, dos “bens temporais” das dioceses, que aqui traduzimos sempre por “patrimônio”.

*Na fase resolutiva do desentendimento, a da lenta cedência, conforme a discrição da Santa Sé no biênio sucessivo (1875-1876), parece que Dom Bosco não participou mais da questão.*

*Em relação à questão do patrimônio episcopal, publicamos aqui a correspondência de Dom Bosco com os ministros João Lanza (n. 70, 72), Marcos Minghetti (n. 73), Paulo Honorato Vigliani (n. 76), com o papa Pio IX (n. 71) e com o cardeal Antonelli (nn. 74-77).*

## 70. Ao presidente do Conselho de ministros e ministro do Interior, João Lanza

Edição crítica em E(m) III, pp. 397-398.

Varazze, 11 de fevereiro de 1872

Excelência,

Já antes de agora eu deveria ter oferecido esclarecimentos quanto ao patrimônio dos bispos preconizados ultimamente, mas uma doença até o momento me impediu. Agora lhe peço queira tolerar-me por um momento nesta carta.

Quando me coube a honra de falar com vossa excelência no dia nove de setembro passado, tive a impressão de que o governo estava de pleno acordo em deixar ao papa a plena liberdade para a escolha dos bispos, e que não teria oposto nenhuma dificuldade para a questão da posse do *patrimônio episcopal*.

Comuniquei esta impressão ao santo padre, e quando da parte dele, dois dias depois, exprimi os agradecimentos com outros pensamentos de Sua Santidade, vossa excelência teve a bondade de confirmar a mesma impressão.

Agora me perguntam, e eu deverei responder, se as coisas foram realmente expressas neste sentido e se alguma razão deu motivo a mudanças.

Se vossa excelência, na sua conhecida bondade, julgar oportuno dizer-me uma palavra, tirar-me-ia de uma situação embaraçosa, e as intenções do governo seriam conhecidas no seu verdadeiro sentido.

Julgo oportuno dizer-lhe que as recentes nomeações de bispos foram de agrado de todos os bons e motivo de satisfação, até mesmo de entusiasmo por parte do povo.

Em todas as partes faziam-se os maiores elogios pela liberdade deixada ao pontífice e aos bispos no exercício do seu ministério. Todavia, quando os bispos se viram obrigados a ir, alguns para os seminários diocesanos, outros para a própria casa, ou para uma pensão, ou para uma casa alugada, não dá para exprimir como mudou o parecer da opinião pública.

Eu estou convencido de que, se vossa excelência tiver oportunidade de ouvir o que sempre mais se comenta todos os dias a este respeito, tomaria alguma medida eficaz para que as dificuldades sejam superadas; e a impressão que se tem é que seria possível resolver a situação sem prejuízo de nenhuma das partes.

Eu escrevo com confiança e lhe garanto que, enquanto me professo sacerdote católico e afeiçoado ao chefe da religião católica, também sempre me mostrei afeiçoado ao governo, para cujos súditos dediquei constantemente os meus poucos bens, as minhas forças e a vida.

Se o senhor julgar que eu posso servir para alguma coisa vantajosa para o governo e para a religião, basta dar-me um pequeno aceno.

Deus conceda todos os bens a vossa excelência e aceite a minha mais profunda gratidão

De vossa excelência obrigadíssimo servidor

J. Bosco

P. S. Depois do dia 13 deste mês estarei em Turim.

## 71. Ao papa Pio IX

Edição crítica em E(m) III, pp. 349-350.

[Turim], 8 de abril de 1872

Beatíssimo Padre,

Mediante dom Fissore, arcebispo de Vercelli, posso passar com segurança às mãos de Vossa Santidade o presente escrito.

Com grande consolação posso dizer-lhe, Beatíssimo Padre, que os novos bispos foram acolhidos com os maiores sinais de veneração por toda classe

de cidadãos; mas o que certamente será de conforto para Vossa Santidade é o grande zelo que os novos pastores demonstram e a estima e a submissão que os fiéis lhes manifestam constantemente.

Tomando como referência somente a cidade de Turim, podemos dizer que os princípios de ordem e de religião fizeram um extraordinário progresso.

A questão do *patrimônio episcopal* é o que causa ainda não pequeno problema. Apenas o governo criou dificuldades, logo escrevi ao ministro Lanza, lembrando-lhe a promessa formal feita por ele, pelos seus colegas e pelo próprio soberano, de não criar qualquer obstáculo em relação à questão do *patrimônio*.

Lembrei-lhe como ele, Lanza, me tinha dito repetidamente de comunicar tudo ao santo padre; e que, por isso, não era o caso de vir a faltar à palavra de modo tão formal. Foi-me imediatamente respondido que eu ficasse tranquilo, que eram dificuldades momentâneas, mas que as intenções do governo não tinham absolutamente mudado nessa questão.

Vendo depois que a situação estava sempre no mesmo, escrevi outras cartas para as quais não recebi nenhuma resposta. Sei positivamente que o governo deseja sair dessa confusão, mas sempre responde que não sabe como fazer.

Entretanto, Beatíssimo Padre, eu lhe sou devedor da minha saúde. Os médicos não me davam mais nenhuma esperança de cura. Mas, recebida a sua santa bênção, comecei a melhorar de tal modo que poucos dias depois eu estava curado e podendo ocupar-me dos meus trabalhos normais.

Dom Fissore lhe falará da nossa Congregação, que Deus abençoa e que prospera de forma maravilhosa.

Com meus padres, clérigos e cerca de 6.000 jovens, prostramo-nos aos pés de Vossa Santidade e, como filhos ajoelhados diante do seu pai, imploramos a sua santa bênção.

Em nome de todos me subscrevo

Obrigadíssimo afeiçoadíssimo filho

Sac. João Bosco

## 72. Ao presidente do Conselho de ministros e ministro do Interior, João Lanza

Edição crítica em E(m) III, pp. 434-435.

[Turim], 21 de maio de 1872

Excelência,

A questão do *patrimônio* dos bispos nomeados ultimamente de alguma maneira deve ser resolvida. Muitos são os comentários que se fazem em desfavor da Igreja, do governo e para utilidade de ninguém.

Algum tempo atrás, eu escrevi a vossa excelência como me parecia não ser tão difícil chegar a uma aproximação e deixar intatos os princípios que o governo, por um lado, e a Santa Sé, por outro, querem conservar.

Embora eu seja totalmente estranho à política e aos assuntos públicos, e também não tenha recebido algum encargo para esta finalidade, todavia, creio que o governo podia sentir-se satisfeito mediante uma nota autêntica da Santa Sé, na qual se declara ao próprio governo que no consistório celebrado em data n. n. foram preconizados bispos para as sedes vacantes...

Caso vossa excelência julgue possível este projeto ou algum outro que lhe parecer mais fácil, e quiser servir-se de mim para comunicá-lo a quem de direito, eu me consideraria feliz por ter prestado algum serviço ao meu governo e proporcionado algum bem à Santa Igreja. Como pessoa particular desconhecida ao mundo político, não darei nenhum motivo aos jornais para falar, nem a favor, nem contra, como pôde notar em casos semelhantes.

Todavia, suplico-lhe queira compreender benignamente a renovação deste incômodo, e creia-me com grande estima e profunda gratidão

De vossa excelência obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

### 73. Ao presidente do Conselho de ministros, Marcos Minghetti

Edição crítica em E(m) IV, pp. 128-129.

[Turim], 14 de julho de 1873

Excelência,

Embora eu me conserve totalmente estranho aos assuntos políticos, todavia, nunca posso recusar-me a tomar parte no que de alguma maneira pode ser vantajoso para o meu país.

Por isso, no mês de março passado, tendo ido a Roma, procurei apresentar-me ao senhor ministro Lanza para estudar um modo viável a fim de poder facilitar aos bispos a posse do próprio patrimônio<sup>21</sup>. Sua excelência gostou da ideia e quando soube que eu tinha encargo oficioso da Santa Sé em diversos encontros, procurou-se um *modus vivendi*. Ele, então, me mostrou quatro propostas do Conselho de Estado, das quais uma com alguma modificação seria como a que está escrita em folha à parte.

Informados disto, o cardeal Antonelli e o próprio santo padre, houve um acerto com o presidente dos ministros que, terminada a discussão da lei sobre as congregações religiosas, apenas iniciadas as férias da câmara dos senhores deputados, seria definitivamente concretizado o dito projeto sobre as bases que nele estavam estabelecidas.

Persuadido de que o novo ministério tem a mesma boa vontade para solucionar o desentendimento que causa mal-estar em muitos e utilidade a ninguém, renovo minha humilde disposição de servir, caso de alguma maneira eu possa ser útil ao meu governo e à religião. Ao ministério do Interior, num alentado dossiê, informou-se o que se tinha tratado a respeito.

Consideraria verdadeiro favor, se me mandasse uma palavra para me indicar que esta mensagem chegou às mãos de vossa excelência.

Com a mais profunda estima, tenho a honra de professar-me

De vossa excelência, humilde servidor

Sac. João Bosco

<sup>21</sup> Numa carta de 15 de março de 1873, Dom Bosco comunicava ao cardeal Tiago Antonelli que, à noite, teria “a última conferência com aquela pessoa” e no dia seguinte lhe comunicaria o resultado: cf. E(m) IV, pp. 66-67.

[Anexo]

*Patrimônio dos bispos*

O *modus vivendi* mais de acordo com os princípios da Santa Sé seria o seguinte artigo, com algumas modificações:

1° O Cabido ou a cúria ou outra autoridade competente apresentem uma síntese da bula; declarando que nada foi acrescentado às fórmulas usuais nesse tipo de escritos.

2° O Cabido, a cúria, ou outra autoridade competente envie uma declaração ao procurador do rei ou de outra autoridade governamental que no consistório ocorrido no dia ... o sacerdote ... foi preconizado bispo de ... e que foi emitida a tradicional bula com as formas usuais, ou então simplesmente, foi emitida a bula usual.

**74. Ao secretário de Estado, cardeal Tiago Antonelli**

Edição crítica em E(m) IV, pp. 137-138.

Turim, 3 de agosto de 1873

Eminência reverendíssima,

No início do mês de julho, o representante do governo de Turim me interpelou em nome do ministério, se vinha de mim a notícia de que a Santa Sé ainda tinha a mesma ideia a respeito do assunto por mim conhecido.

Eu não pude responder com palavras, mas então escrevi uma carta a Minghetti, na qual eu dizia que, se o assunto se referia ao patrimônio dos bispos, era preciso que me dissesse a que *modus vivendi* ele aludia; que se fosse aquele modificado neste inverno com o ministro, do qual eu lhe dei cópia, então acreditava que sim; mas acrescentei que eu não tinha nenhum encargo a respeito do assunto; e que, se se tratasse de fazer o que tinha sido acertado oficiosamente, eu me teria prestado de boa mente e teria falado com quem de direito.

Minghetti, em data de 16 de julho, respondeu com o autógrafo: *Recebi a sua carta no dia 14, e enquanto desejo dar-lhe garantias, dentro de poucos dias responderei a respeito, etc.*

Logo então escrevi a vossa eminência a fim de ter orientações a seguir. Talvez a carta não tenha chegado ou o senhor não tenha compreendido o sentido; eu queria escrever uma mensagem em cifras por meio do monsenhor Tortone<sup>22</sup>, que me disse que não era mais possível enviar mensagens desse tipo.

Julgou melhor enviar-lhe aquele breve escrito e agora explico a situação mais detalhadamente.

Nesse momento, eu pediria que me dissesse com palavras vagas:

1º se este assunto é tratado por alguma outra pessoa;

2º se devo abandonar o caso ou continuar com base nas orientações já estabelecidas.

É bom notar, como disse entre nós, que o ministro de Graça e Justiça foi para um balneário, donde estará de volta em torno do dia 4 deste mês; creio que seja este o motivo da demora de Minghetti em responder como tinha prometido.

Perdoe-me pelos novos incômodos, mas ficaria contente se pudesse depositar, mesmo que fosse um só átomo na balança da solução do problema, que cada dia se torna mais espinhoso e urgente.

Aceite os meus votos de que Deus lhe conceda saúde estável, enquanto com a mais profunda gratidão tenho a honra de professar-me

De vossa eminência reverendíssima obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

## 75. Ao secretário de Estado, cardeal Tiago Antonelli

Edição crítica em E(m) IV, pp. 150-151.

Turim, 25 de agosto de 1873

Eminência reverendíssima,

Recebi a estimada carta de vossa eminência reverendíssima que me autoriza a tratar do conhecido assunto do patrimônio dos bispos sobre as bases estabelecidas no último mês de março.

<sup>22</sup> Caetano Tortone (1844-1891), sacerdote piemontês, “encarregado de negócios” da Santa Sé junto ao governo de Turim após a ruptura das relações diplomáticas de 1850.

Devo observar que a fórmula anexa à sua carta será mais facilmente aceita, mas o *modus vivendi*, como se quer chamar, definitivamente aprovado, seria aquele descrito na página em anexo. Se me diz que eu devo manter-me firme quanto a este, então não haverá mais necessidade de discutir; mas, se devo orientar-me conforme o descrito na sua estimada carta, então tratar-se-ia de uma nova proposta.

De qualquer forma, o ministro Minghetti só me fez saber e depois me escreveu de próprio punho que me responderá quanto antes a propósito do problema.

Se por causa deste assunto eu tiver que ir a Roma, farei de tal modo que eu possa apresentar-me primeiro a vossa eminência, para receber as orientações e normas que forem consideradas mais oportunas.

O portador desta mensagem é o sacerdote Antônio Sala, ecônomo desta casa, que leva também os respeitosa cumprimentos de toda a Congregação Salesiana; a ele pode ser entregue todo tipo de escrito.

Nós continuamos a rezar pela conservação da preciosa saúde de vossa eminência e esperamos que Deus bondoso ouça as nossas preces comuns e particulares, enquanto com a mais profunda gratidão tenho a grande honra de professar-me

De vossa eminência reverendíssima obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

## **76. Ao ministro de Graça e Justiça e dos Cultos, Paulo Honorato Vigliani**

Edição crítica em E(m) IV, pp. 166-167.

Turim, 12 de outubro de 1873

Excelência,

A grande confiança de que vossa excelência goza publicamente é que me leva a dizer-lhe algumas palavras sobre um assunto que se refere ao bem da religião e também do Estado. Exponho a situação brevemente.

Em março deste ano eu tive a honra de falar com o ministro Lanza e por encargo officioso tratei do desentendimento quanto ao patrimônio dos bispos. Ele me apresentou três *modus vivendi* propostos pelo Conselho de Estado. Escolheu-se um que se aproxima da forma desejada por ambas as partes. Feitas algumas modificações, mais de forma do que de substância, foi aceito aquele que na folha à parte está assinalado com a letra A.

As discussões que naquele tempo deviam ocorrer na câmara dos deputados aconselhavam a adiar a execução da proposta até o final da sessão parlamentar.

De repente, porém, a mudança de ministro levou a que tudo encalhasse.

Aproximadamente na metade de julho, eu relatei o assunto a sua excelência Minghetti, que no dia 16 do mesmo mês, bondosamente acusava ter recebido minha carta, acrescentando que quanto antes me daria uma resposta categórica. A gravidade e a quantidade enorme de problemas públicos aos quais ele deve se dedicar certamente o terão levado a atrasar ou talvez a esquecer o assunto da conversa.

Por esse motivo, ousei dirigir-me a vossa excelência, que está à frente do ministério a que precisamente se referem os assuntos em questão. Naquela ocasião, porém, só se falou do *modus vivendi* a se aplicar aos bispos de futura nomeação, ao passo que para os já nomeados fora proposto outro *modus vivendi*, assinalado na folha anexa com a letra B.

Disto então nada se falou, nem houve qualquer tipo de reação, deixando tudo para um tempo mais oportuno.

Enquanto sacerdote, eu amo a religião, mas enquanto cidadão, desejo fazer o que posso para o governo; tomando aqui o partido deste, parece-me que o *modus vivendi* B seja hoje mais do que nunca consentâneo com os pontos de vista governamentais; pois, com ele, o governo:

1° Põe-se em relação direta com a Santa Sé.

2° A Santa Sé responderia oficialmente ao governo.

3° E o governo, ao receber a comunicação dos bispos preconizados, quando fosse o caso, poderia livremente fazer as suas exceções, antes de conceder a posse do patrimônio episcopal.

4° Aliás, admitindo este princípio, parece-me que o governo teria um verdadeiro *exequatur*, dado que poderia ou não conceder entrar na posse do patrimônio e também propor condições quando lhe parecesse conveniente.

Julguei oportuno manifestar estas reflexões práticas para que o assunto seja compreendido facilmente no seu verdadeiro aspecto.

E se no caso da execução prática do que foi dito acima fosse preciso modificar alguma expressão, creio que a Santa Sé estaria disposta a condescen-

der; por exemplo, onde se diz *Pedindo-se ao senhor bispo* etc.; este pedido, se se quiser, poderia ser feito mesmo verbalmente por uma pessoa encarregada, como da mesma forma poderia ser dirigido ao santo padre ou ao seu primeiro secretário.

Como eu sou estranho à política e aos problemas públicos, se vossa excelência julgar conveniente servir-se da minha pobre pessoa para alguma coisa, não haveria nenhum temor quanto a uma publicidade indiscreta.

Dito isso, devo cumprir um grave dever de minha parte, pedindo compreensão pela confiança talvez demasiada com que escrevi; e contente por poder desejar-lhe as bênçãos celestes, com a máxima estima considero ser uma grande honra poder professar-me

De vossa excelência [obrigadíssimo servidor]

[Sac. João Bosco]

## 77. Ao secretário de Estado, cardeal Tiago Antonelli

Edição crítica em E(m) III, pp. 171-172.

Turim, 20 de outubro de 1873

Eminência reverendíssima,

Um senador do reino veio falar comigo do assunto a respeito do qual informo em texto anexo. Aquela conversa não mudou absolutamente em nada os entendimentos havidos, mas me deu oportunidade de escrever outra carta na qual substituí a base estabelecida na carta de vossa eminência pelo outro *modo* que foi ventilado no inverno passado e do qual eu já tinha enviado cópia anteriormente ao mesmo personagem. Se, por acaso, pela carta do senhor Vigliani, vossa eminência julgar conveniente que eu vá a Roma, bastaria dizer-me meia palavra.

Escrevo para mantê-lo a par do andamento das coisas e para garantir-lhe que para mim será sempre um verdadeiro prazer se puder prestar, mesmo que se trate de um pequeno serviço à Santa Sé e a vossa eminência, de quem tenho a elevada honra de professar-me com profunda gratidão

Humilde servidor

Sac. João Bosco

## 78. Ao secretário de Estado cardeal, Tiago Antonelli

Edição crítica em E(m) IV, pp. 191-192.

Roma, 2 de janeiro de 1874

Via Sistina 104

Eminência reverendíssima,

Esta tarde pude conversar com o senhor Vigliani sobre o conhecido problema. Ele manifestou o desejo de modificar algumas palavras a fim de prevenir eventuais dificuldades que, dizia ele, poderiam surgir no Conselho de Estado. Aceitou o formulário por inteiro e se mostrou contente, e garantiu que o apresentaria ao Conselho dos ministros no qual, diz ele, não encontrará oposição, porque já está tudo acertado com eles neste sentido. O mesmo afirma quanto ao Conselho de Estado.

Observou somente que os conselheiros de Estado, encontrando-se no fim do mandato e dispondo somente de uma reunião por semana, o assunto deverá demorar uns doze dias. Depois ele me informará para que eu, em seguida, transmita o assunto a vossa eminência reverendíssima.

Enquanto isso, ele, Vigliani, queria definir um formulário para as futuras eleições episcopais.

Eu me limitei a dizer que não acredito que haja dificuldades por parte da Santa Sé para que a fórmula usada para os eleitos, retirando o que se refere ao momento atual, possa ser aplicada aos futuros bispos; mas logo acrescentei que era melhor primeiro resolver um caso antes de começar a tratar de outro.

O mesmo Vigliani expressou algumas suas ideias que procurarei anexar aqui e que transmitirei para informar vossa eminência quanto ao que foi feito para o 2º projeto. Espero apresentar-lhe os detalhes mais tarde pessoalmente.

Deus lhe conceda saúde estável com um ano feliz, e me permita a elevada honra de poder professar-me

De vossa eminência reverendíssima humilde servidor

Sac. João Bosco<sup>23</sup>

<sup>23</sup> Numa carta de Roma ao arcebispo Lourenço Gastaldi (16 de janeiro de 1874) comunicava que “o conhecido problema” estava resolvido, que “o formulário” foi aceito por ambas as partes, e que o arcebispo de Turim seria o primeiro a usar, a não ser que se intromettessem “as patas de sataná”: cf. E(m) IV, pp. 203-204.

#### IV. AS DIFÍCEIS RELAÇÕES COM O ARCEBISPO DE TURIM (1872-1882)

*As relações entre Dom Bosco e o bispo Gastaldi ocorreram em dois períodos, um de grande entendimento e colaboração, outro de sérias dificuldades e contrastes. O ponto alto pode ser considerado a transferência de Gastaldi da sede episcopal de Saluzzo à arquiepiscopal de Turim em 1871.*

*O teólogo, cômego Lourenço Gastaldi, no final dos anos de 1840, apreciava e apoiava a Obra dos Oratórios de Dom Bosco, elogiava-a na imprensa, deixava que sua mãe e sua irmã ajudassem os meninos do Oratório de Valdocco e, sendo rosminiano, ao partir para a Inglaterra em 1853, redigiu o testamento em favor de Dom Bosco. Retornando para a Itália, manteve sua estima por Dom Bosco e sua amizade se intensificou com a colaboração na publicação das Leituras Católicas, com a pregação aos jovens de Valdocco e aos salesianos, com o ensino teológico a estes últimos, com generosas ofertas para a igreja de Maria Auxiliadora.*

*Com tais precedentes, compreende-se como Dom Bosco o indicasse ao cardeal Antonelli como possível bispo e de fato o papa o nomeou em 1867 para a sede de Saluzzo e depois, em 1871, por nova indicação de Dom Bosco, como arcebispo de Turim.*

*Nesse momento, a “convivência” entre as duas fortes personalidades tornou-se difícil, a estima recíproca das pessoas e das obras diminuiu, as relações se tornaram sempre mais tensas e desembocaram em aberto contraste, agudizado pela imprensa laica hostil, mas também por escritos de recíprocos defensores religiosos, todos com as suas boas razões.*

*Os motivos de dissenso ou de áspero conflito foram diversos: concepções ecle-siológicas diversas, modo diferente de entender a formação para a vida sacerdo-tal e religiosa, desacordo quanto ao modo de ser instituto religioso da Sociedade Salesiana e a sua configuração jurídica, distintos pontos de vista a respeito dos privilégios obtidos pelo superior da Sociedade, direitos reais ou pretendidos por parte de ambos, reclamações justificadas ou simples suscetibilidades, envolvimento voluntário ou menos em situações de conflito no qual não tinham nenhuma res-ponsabilidade direta, repercussão sobre eles de polêmicas de outros e de vicissitudes em si insignificantes, mas que geraram penosos mal-entendidos e recíproca descon-fiança.*

*Para além das funções que exerciam e dos símbolos que representavam, é preciso levar em conta que eram pessoas de índole e sensibilidade diversa, com desejos, paixões e sonhos diferentes; ambos, porém, irredutíveis combatentes, igual-mente inclinados ao comando mais do que à submissão, atentos aos resultados das*

*próprias ações mais do que aos fáceis consensos, nem sempre dispostos a se encontrarem, a esclarecer, a conciliar, talvez por recíprocas desilusões, esperanças frustradas, reais pré-compreensões.*

*Às acusações de insubordinação à legítima autoridade de uma parte, respondia a de perseguição da outra, com a consequência de que todas as tentativas de mediação, tanto locais quanto da Santa Sé, falharam. À diatribe que se apresenta como o clássico desencontro entre autoridade e carisma, ainda mais numa época dominada pelo ultramontanismo, só pôs fim à “concordia” ordenada pela Santa Sé em 1882.*

*De todo este doloroso desentendimento publicamos onze textos, quase todos eles cartas de Dom Bosco ao arcebispo. Nelas lhe comunica a satisfação das autoridades civis pela nomeação para arcebispo de Turim (n. 79); esclarece o sentido da aprovação pontifícia das Constituições Salesianas e a praxe formativa dos salesianos (n. 80); discorda das decisões do arcebispo quanto às ordenações dos sacerdotes salesianos, especialmente levando em consideração as numerosas vocações diocesanas que saíram de Valdocco e as próprias intervenções pessoais em favor da nomeação episcopal de Gastaldi para Saluzzo e para Turim (n. 81); mostra-se desgostoso pelos sofrimentos do arcebispo, pelos quais não se sente responsável (n. 82); defende seu agir quanto aos cursos de exercícios espirituais, fazendo votos que fossem deixadas de lado as solitudes pelo “ótimo”, a fim de combater o mal e promover o bem (n. 84); expõe algumas reflexões e esclarece alguns fatos, pedindo eventualmente as razões de uma intervenção recusada (n. 85).*

*Estarrecido pelo fato de num colóquio pessoal não ter podido falar para se desculpar ou retificar o que lhe estava sendo imputado – depois de tudo o que ele tinha feito pelas duas nomeações episcopais –, declara que nada mais tinha a acrescentar e só pedia desculpas pelos desprazeres que lhe tinha causado (n. 86); em seguida pede para que lhe renove a faculdade de confessar, já vencida, a fim de evitar escândalos (n. 87). Segue uma carta de resposta a respeito de uma controvérsia sobre as indulgências levada a Roma (n. 88), antes de uma ampla relação impressa no final de 1881 (n. 89), que constitui um simples exemplo das queixas circunstanciadas de Dom Bosco quanto a alguns comportamentos de dom Gastaldi em relação a ele, a respeito das quais já para o biênio de início do episcopado turinense (1872-1874) tinha traçado uma minuciosa exposição ao prefeito da Congregação dos Bispos e Regulares, Salvador Nobili Vitelleschi (n. 83).*

*Concluímos a resenha documentária com a carta de aceitação formal da “Concordia”(90)<sup>24</sup>, que, na realidade, foi um armistício entre beligerantes, não*

<sup>24</sup> Na carta ao cardeal Lourenço Nina, em 17 de junho de 1884, Dom Bosco comunicava que “o projeto do senhor advogado Colomiatti apresentado ao santo padre” continha algumas dificuldades para a

*uma paz: uma verdadeira pacificação dos ânimos não houve. Continuavam desconfianças ou profundas feridas que não tinham como se fechar por obra de um ato que substancialmente tinha caráter de cartório. A verdadeira “concórdia” só acontecerá com a morte imprevista do arcebispo em 25 de março de 1883 e com a concessão dos privilégios aos salesianos em 28 de junho de 1884, depois de um longo decênio de espera.*

*Boa parte da correspondência de Dom Bosco e da documentação relativa ao desentendimento com dom Gastaldi aqui editada – assim como a ainda mais abundante de ambos os personagens existente nos arquivos e parcialmente publicada – é de cunho um tanto polêmico, de modo que sua credibilidade resulta problemática e a sua interpretação não é tão simples. Remete-se, portanto, ainda uma vez, às biografias críticas dos dois personagens<sup>25</sup> e a estudos apropriados<sup>26</sup>.*

## 79. Ao arcebispo de Turim, dom Lourenço Gastaldi

Edição crítica em E(m) III, pp. 383-384.

[Passerano (Asti), início de novembro 1871]

Reverendíssimo e caríssimo senhor bispo,

Passei dois dias aqui em Passerano, na casa Radicati<sup>27</sup>, onde falei longamente com o vice do representante do governo em Turim, que também está aqui, o senhor cavalheiro advogado Bonino. Ele me falou muito bem da carta escrita pelo senhor e da resposta dada pelo representante do governo; em seguida, manifestou um vivo desejo de que o senhor, entrando na nova diocese, fizesse uma *entrada* solene.

Falta ver a disposição das autoridades civis, eu respondi.

Não tenha dúvidas, acrescentei, que em nada deixarão a desejar. Havendo possibilidade de falar entre nós, contarei a conversa em seus particulares.

execução. Pedia, por isso, “alguns dias para alguns esclarecimentos”: cf. E IV, pp. 145-146.

<sup>25</sup> Para dom Gastaldi veja-se Giuseppe TUNINETTI, *Lorenzo Gastaldi (1815-1883)*. Vol. II. Turim, Edição Piemme 1988, pp. 259-290.

<sup>26</sup> A. J. LENTI, *Don Bosco, his Pope...*, pp. 65-240.

<sup>27</sup> Nobre família de benfeitores, em cordial relacionamento com Dom Bosco. Costantino Radicati Talice, de Passerano, foi representante do governo em Turim de 1868 a 1871.

Se ainda não tiver formado a ideia a respeito de um pró-vigário, creio que poderia nomear o teólogo Bertagna. Pio, douto, prático, bem de vida economicamente. Mas este é só um pensamento meu, que o senhor pode levar em conta ou não ter em conta nenhuma.

Peço sua santa bênção e me professo com profunda gratidão

De vossa excelência reverendíssima e caríssima obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

P. S. Por favor, cuide da sua saúde. *Messis multa*, mas o senhor terá operários.

## 80. Ao arcebispo de Turim, dom Lourenço Gastaldi

Edição crítica em E(m) III, pp. 493-495.

Turim, 23 de novembro de 1872

Excelência reverendíssima,

Agradeço cordialmente vossa excelência reverendíssima pela carta que com grande bondade se dignou escrever-me; embora ela não mitigue meus sofrimentos, todavia me faz ver algumas das razões da atitude que, de uns tempos para cá, o senhor tem para com minha pobre pessoa e com todos os sócios da Sociedade de São Francisco de Sales.

O senhor reduz as coisas a dois pontos: à falta de um bom noviciado e do espírito religioso ou eclesiástico nos seus membros. Estes dois assuntos pedem esclarecimentos, para mim e para vossa excelência. Queira, pois, ter a bondade de ler.

Antes de a Santa Sé chegar à aprovação desta Congregação tive um longo colóquio com dom Svegliati e com o cardeal Quaglia e em seguida com o próprio santo padre. Este, uma tarde, me fez expor longamente as razões pelas quais, segundo penso, seja da vontade de Deus esta nova instituição, sobre o que dei todas as respostas solicitadas. Em seguida, perguntou-me se seria viável uma congregação em tempos, lugares e em meio a pessoas que querem suprimir as congregações.

– Como ter uma casa de estudos e um noviciado? – perguntava. Eu respondi o que alguns meses antes tinha respondido a vossa excelência, quer dizer, que eu não pretendo fundar um ordem religiosa na qual se podem acolher penitentes ou convertidos que precisam ser formados para os bons costumes e a piedade; mas a minha intenção é a de recolher jovens e também adultos de moralidade segura, moralidade comprovada por muitos anos, antes de serem acolhidos na nossa Congregação.

– Como se pode conseguir isso? – interrompeu o santo padre.

– Até agora consegui – acrescentei – e espero continuar assim quanto ao tipo de sócios que se recebem para fazer parte da Sociedade. Nós nos limitamos a jovens educados, instruídos nas nossas casas; jovens já escolhidos ordinariamente pelos párocos que, vendo-os resplandecer na virtude entre a marreta e a enxada, os recomendam às nossas casas. Dois terços deles, depois, são restituídos às próprias casas.

Os que nós conservamos são exercitados no estudo e na piedade por quatro, cinco e até mesmo sete anos e, destes, poucos são admitidos à prova, também depois deste longo tirocínio. Por exemplo, neste ano, cento e vinte cursaram retórica nas nossas casas; destes, cento e dez entraram no clerical; mas somente vinte ficaram na Congregação, os demais foram encaminhados aos respectivos ordinários diocesanos.

Admitidos assim à prova, devem fazer dois anos aqui em Turim, onde todos os dias têm leitura espiritual, meditação, visita ao Santíssimo Sacramento, exame de consciência, e todas as noites uma breve exortação feita por mim, raramente por outros, e isto a todos os aspirantes em comum.

Duas vezes por semana faz-se uma conferência expressamente para os aspirantes, uma vez, para todos os da Sociedade.

Quando o santo padre ouviu estas coisas, mostrou-se satisfeito e respondeu: – Deus o abençoe, meu filho; ponha em prática as coisas do modo como me expôs, e a sua Congregação alcançará o seu objetivo; e encontrando dificuldades, faça-me saber e estudaremos o modo para superá-las.

Depois disso houve o decreto de aprovação que o senhor viu. E nós fizemos conforme nos foi dito.

Do que expus, o senhor poderá facilmente compreender que, segundo me parece, o noviciado, se não existe de nome, existe de fato.

O senhor acrescenta que, *com raríssimas exceções*, nenhum membro da Congregação Salesiana apresenta as necessárias virtudes, e particularmente não têm nenhuma humildade. Eu pediria humilde e respeitosamente a vossa

excelência queira me indicar, não de forma genérica, mas citando os nomes desses indivíduos, e depois, garanto-lhe, esses tais seriam severamente corrigidos e uma só vez.

Por isso, este seria um esconderijo a ser posto à luz do dia; esconderijo desconhecido por mim até o dia de hoje; esconderijo desconhecido também a vossa excelência até o mês de abril do ano corrente. Até essa época, o senhor viu, ouviu, leu e podemos dizer administrou o que há de mais importante nesta casa. Até esse tempo, seja por escritos seja com a palavra pública e privada, sempre proclamou esta casa como a arca da salvação para a juventude, onde se aprende a verdadeira piedade e coisas semelhantes.

Aqui eu teria mais coisas para dizer, mas que não desejo confiar ao papel e que, espero, quando puder me ouvir, expor à viva voz.

Agradeço-lhe as benévolas expressões usadas na sua carta, e este é o único conforto que eu posso ter, enquanto com a mais profunda gratidão tenho a honra de professar-me

De vossa excelência reverendíssima obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

## 81. Ao arcebispo de Turim, dom Lourenço Gastaldi

Edição crítica em E(m) IV, pp. 96-98.

Borgo San Martino, 14 de maio de 1873

Excelência reverendíssima,

As cartas que mandou o senhor secretário Chiuso me escrever, especialmente a última<sup>28</sup>, me fizeram pensar muito, e para não dar a esta última uma resposta precipitada, fui para a casa de Borgo San Martino para três dias de retiro espiritual, depois dos quais, como se devesse apresentar-me diante do tribunal de Deus, manifesto o meu pensamento em relação ao assunto.

O Senhor manda dizer que não admitirá mais nenhum dos nossos clérigos às sagradas ordenações, se não forem afastados das nossas casas o clérigo

<sup>28</sup> Cartas de 10 e 29 de abril e carta de 10 de maio. Tomás Chiuso (1840-1904) era secretário do arcebispo e chanceler da cúria.

Borelli, que há duas semanas não está mais conosco, e o clérigo Rocca. Além de uma promessa formal de não receber mais em nenhuma casa da nossa Congregação alguém que tenha pertencido ao clero de Turim.

Dado que não fornece nenhuma razão, creio que posso fazer algumas reflexões.

Se esses clérigos foram expulsos do seminário, o que importa se vão refugiar-se em alguma casa para refletir sobre o seu futuro ou para preparar-se para algum exame, aprender algum ofício com que possam de algum modo ganhar um pedaço de pão? Por acaso esses clérigos, pelo fato de terem perdido a própria vocação, deverão andar por aí como prófugos e entregar-se a um triste futuro?

Parece-me melhor ajudá-los a se colocarem em algum lugar onde possam fazer alguma coisa e providenciar a própria situação. Assim fizeram e fazem ainda os bispos com os quais estamos em contato. Talvez, pode-se dizer que peçam permissão, e assim fica resolvida toda dificuldade.

Pode-se responder que a obrigação de pedir autorização é um peso muito grave para eles e para a Congregação ou para a casa onde pedem para ser admitidos; trata-se de uma condição que, não constando da sua aprovação, o superior não é autorizado a acrescentá-la; tanto mais que esta licença foi solicitada várias vezes, e até agora não foi obtida.

Nesses casos, seria preferível que o senhor considerasse que, se a estes clérigos expulsos do seminário se diz que, por ordem do arcebispo, não podem ser recebidos em nenhuma casa, ou então que devem ser expulsos, o senhor, me parece, acaba criando para si grande número de adversários, tantos quantos são os amigos ou parentes desses clérigos.

Tanto mais que alguns deles já teriam feito um curso de estudos e algum até já teria começado a aprender um ofício.

Esta declaração que eu creio não estar autorizado a fazer, poria um muro de divisão entre a Congregação Salesiana e o clero desta diocese, para cujo bem é especialmente consagrada e há mais de trinta anos trabalha.

Se por acaso a este respeito houver alguma prescrição da Igreja que eu ignoro, eu me submeterei totalmente.

Quanto a todos os clérigos que se apresentaram para a ordenação, observo que o senhor deve recusá-la, se eles não a merecem; mas, se são dignos, quereria por acaso, por represália ou por motivos totalmente estranhos a eles, rejeitá-los, privando assim a Congregação, a Igreja e a sua mesma diocese de sacerdotes, dos quais há tanta penúria?

Parece-me que esta Congregação que, sem interesses de nenhuma espécie, trabalha para esta diocese, e que desde 1848 até hoje forneceu pelo menos dois terços do clero diocesano, merece algum respeito. Tanto mais que, se algum clérigo ou também eclesiástico vem ao Oratório, não faz outra coisa senão mudar de casa, mas sempre trabalharia na diocese e para a diocese de Turim.

De fato, nas três vezes que vossa excelência julgou que não devia admitir alguns dos nossos clérigos à ordenação, não fez outra coisa senão diminuir o número dos sacerdotes que trabalham nesta diocese.

Dito isso, gostaria que vossa excelência se persuadisse vivamente que o senhor e eu temos pessoas ao nosso redor que, de maneira maliciosa, gostariam de ter em mãos coisas a publicar e dizer: o arcebispo rompeu também com o pobre Dom Bosco.

Quanto a isso, o senhor sabe que, não faz poucos dias, fiz não pequenos sacrifícios para impedir a publicidade de certos artigos difamatórios.

Desejo ainda que o senhor esteja informado de que certas notícias, trancadas nos gabinetes do governo por obra de alguém, depois são postas a girar publicamente por Turim. Por tais informações consta que, se o cônego Gastaldi foi bispo de Saluzzo, foi por proposta de Dom Bosco. Se o bispo se tornou arcebispo de Turim, também foi por proposta de Dom Bosco. Comentam-se até as dificuldades que foi preciso superar para isso. Inclusive são comentadas as razões pelas quais eu defendia sua candidatura, entre outras coisas, pelo grande bem que tinha feito à nossa casa, à nossa Congregação.

Todos sabem o grande bem que podemos fazer um ao outro mediante um comum acordo, ao passo que os mal-intencionados se alegrariam enormemente com o nosso desacordo.

Ora, vossa excelência dirá: mas o que Dom Bosco quer?

Plena submissão, pleno acordo com o meu superior eclesiástico. Não peço outra coisa senão o que várias vezes disse ao santo padre e que diversas vezes vossa excelência repetiu quando era bispo de Saluzzo, isto é: nos tempos difíceis que vivemos, uma Congregação nascente precisa de toda a indulgência compatível com a autoridade dos ordinários locais, e quando surgirem dificuldades, ajudá-la mediante as obras e o conselho, na medida do possível.

Escrevi esta carta com o único desejo de dizer-lhe o que pode ser norma para ambos e útil para a glória de Deus; todavia, se me tiver escapado

alguma palavra inoportuna, peço humildemente desculpas, enquanto com profunda veneração, me professo

De vossa excelência reverendíssima humílimo servidor

Sac. João Bosco

## 82. Ao arcebispo de Turim, dom Lourenço Gastaldi

Edição crítica em E(m) IV, pp. 143-144.

Santo Inácio [Lanzo], 12 de agosto de 1873

Excelência reverendíssima,

O bispo de Vigêvano me falou de uma sua carta a meu respeito, com a resposta de vossa excelência. Se não fosse escrita por um bispo, diria que foi escrita por brincadeira. Ao passo que é séria. Lamento e sinto pena que o senhor tenha espinhos, mas que esses espinhos tenham sido plantados por Dom Bosco, isso é coisa que não posso admitir. Sempre fiz o possível para diminuir os seus incômodos, e eu bem sei com que sacrifícios. Sempre tive boa vontade. Nunca pedi nada, senão que me dissesse o que desagrade em mim, e nunca pude ter uma resposta positiva.

O senhor acena à mediação do cônego da catedral. A mim parece ter atendido a tudo o que me pediu. Pedia-se que eu fizesse uma declaração de nunca aceitar clérigos sem licença. Fiz. Falou-me de Borelli, que só esteve em nossas casas momentaneamente para fazer os exercícios, depois tirou a batina. Falou-se de Rocca e se concluiu que mandá-lo imediatamente embora seria aumentar ainda mais os falatórios; tudo seria feito apenas chegadas as férias. O teólogo Marengo esteve de acordo e as coisas foram decididas neste sentido. No dia quatro do próximo mês de setembro termina o ano escolar em Lanzo, e depois o clérigo voltará para junto dos seus.

Se eu estivesse no lugar de vossa excelência, teria dado a licença para que ele fique onde está, tanto para deixar um clérigo para Dom Bosco, que todos os anos manda vários para o seminário diocesano, quanto para que se perceba que quando um clérigo perde a sua vocação não é abandonado pelo seu superior, que o favorece no que é possível. Seja como for, se ele não consegue a

licença que me diz ter sido solicitada diversas vezes, terminado o ano escolar, irá para casa.

Quanto a outros assuntos de que se fala na carta, posso afirmar que na minha vida terei culpas para dar contas a Deus, mas não conheço nenhuma que tenha ocorrido em relação a vossa excelência.

O que eu fiz e disse em público e em privado, creio que prova o que eu digo.

São dezesseis meses que eu pergunto o que o senhor tem contra o pobre Dom Bosco e, até agora, mais do que coisas vagas, não pude saber. Se há alguma coisa que eu ignoro, diga e desde agora peço humilde perdão. Mas não acrescentemos espinhos aos espinhos.

Sei que o senhor busca a maior glória de Deus, eu faço o que posso pela mesma finalidade; por que então não podemos ir de acordo? Prove a dizer-me o que deseja de mim.

Não cesso de rezar e fazer rezar pela conservação de sua saúde, enquanto tenho a honra de professar-me

De vossa excelência reverendíssima humilde servidor

Sac. João Bosco

### **83. Ao secretário da Congregação dos Bispos e Regulares, dom Salvador Nobili Vitelleschi**

Edição crítica em E(m) IV, pp. 287-290.

[Turim, anterior a 21 de maio de 1874]

Excelência reverendíssima,

O temor pela continuação das dificuldades com o nosso arcebispo, especialmente quanto às ordenações dos clérigos, infelizmente se concretizou. Digo, com o arcebispo de Turim, pois, de quarenta e quatro outros bispos com quem mantemos relações, recebemos de todos eles benevolência e apoio.

Para que vossa excelência tenha uma visão exata da situação, julgo oportuno fazer notar que dom Gastaldi, até que foi cônego, antes e depois de deixar a congregação dos rosminianos, sempre se mostrou zeloso colaborador dos nossos oratórios masculinos.

Feito bispo de Saluzzo, protegeu-nos com todo o seu zelo. Criado arcebispo de Turim, continuou por certo tempo a demonstrar-se muito benévolo e, como os outros ordinários, admitiu diversas vezes os nossos clérigos às ordenações. Mas dez meses depois mudou de atitude.

Deixo de lado muitos episódios que se referem a outros assuntos: aqui falo somente das ordenações.

Começo dizendo que ele não pretendia admitir nenhum dos nossos clérigos às ordenações, se antes não se tivesse submetido aos exames de teologia de uma comissão delegada por ele. Era esta uma novidade na nossa região, dado que os bispos costumam encaminhar os ordenandos religiosos aos exames por parte dos respectivos superiores.

Apesar disso, aderi imediatamente à sua determinação, e convidei os meus clérigos a prestarem tais exames; então o arcebispo acrescentou querer ele mesmo, quarenta dias antes, examinar a vocação dos candidatos, a época da entrada na Congregação, que tipo de votos tinham emitido, onde tinham feito os estudos inferiores, quem eram os seus superiores, por qual motivo queriam abandonar a diocese para agregar-se a uma Congregação, etc., etc.

Tratava-se de algo insólito que perturbava bastante as vocações dos nossos alunos.

Todavia, submeti-me, e fazendo vir de bastante longe os ordenandos, apresentei-os para que passassem pelo escrutínio estabelecido.

Mostrou-se satisfeito com todos, mas não quis admiti-los às ordenações.

Essas coisas são suficientes para os alunos, dizia, não, porém, para os superiores. Quero que o superior declare formalmente que, para o futuro, em nenhuma de suas casas seja aceito um clérigo ou sacerdote que tenha pertencido ao clero de Turim.

Apesar de ser uma decisão que ultrapassa o direito, eu aceitei a determinação, mas na declaração julguei ser meu dever inserir que essa declaração em nada pretendia lesar as prescrições dos sagrados cânones, emanadas para tutelar a liberdade das vocações religiosas. Esta cláusula lhe desagradou e não quis saber de admitir os candidatos às ordenações.

Feitos humildemente alguns outros pedidos, respondeu que desaprovava os votos trienais; não reconhecia nenhuma autoridade no superior da Congregação Salesiana. Observou-se então que os pedidos feitos estavam de acordo com o decreto de aprovação de 1º de março de 1869, cuja cópia autêntica estava na cúria arquiepiscopal e outra cópia com as Constituições tinha sido entregue em suas próprias mãos.

Ele acrescentou que não se lembrava de nada disso; e que por isso fossem enviadas outras cópias. Foi satisfeito nisso também: mas não respondeu. Entretanto, com grave incômodo e prejuízo para a Congregação, passaram-se dois anos sem querer admitir ninguém às ordenações.

Depois da aprovação definitiva das Constituições, tudo foi comunicado a ele e também foi renovado o pedido para as ordenações.

Respondeu não querer pronunciar-se enquanto não tivesse visto o decreto de concessão das dimissórias. Então apresentei-o; leu-o e depois acrescentou que não queria se pronunciar nem pelo sim, nem pelo não, enquanto não houvesse uma cópia autêntica daquele decreto fornecido à cúria arqui-episcopal.

Observei que isto era contra o que se costuma fazer nas ordens religiosas e nas congregações eclesiásticas, isto é, que é suficiente mostrar o documento a quem de direito; tanto mais que, atendendo às relativas exigências, dois rescritos desse tipo já tinham sido apresentados à cúria eclesiástica e que foram perdidos com grave incômodo para nós, sem nunca mais ter tido notícias deles.

Firmando-se ele sempre em posição negativa, julguei oportuno dizer-lhe que eu estava autorizado a apresentar uma visão da situação a quem de direito, não, porém, a dar cópia a alguém. Entretanto, ele sempre se manteve em posição negativa.

Pedi, supliquei que não me acrescentasse mais desgostos ao grande número que nós já temos de ambas as partes. Não modificou suas pretensões.

Vossa excelência pode compreender facilmente quanto prejuízo e desânimo semelhante atitude provoca a uma Congregação pobre e em fase de nascimento. Pelo menos se a gente soubesse os motivos. Mas ninguém consegue saber.

Esta é a simples exposição dos fatos que aqui relatei brevemente depois de ter-me posto na presença de Deus e com os olhos voltados para o crucifixo.

Agora faço um humilde pedido a vossa excelência, que queira comunicar esta minha situação ao santo padre ou a quem julgar oportuno e dar-me um a orientação e conselhos a seguir.

Seria talvez demasiadamente ousado o pedido de dimissórias *ad quemcumque episcopum?*

Digne-se perdoar o grave incômodo que lhe proporciono e crer que, com a mais profunda gratidão, etc.

[Sac. João Bosco]

## 84. Ao arcebispo de Turim, dom Lourenço Gastaldi

Edição crítica em E(m) IV, pp. 316-318.

Turim, 10 de setembro de 1874

Excelência reverendíssima,

O cuidado com que vossa excelência reverendíssima vigia sobre o andamento da nossa pobre Congregação demonstra que quer a exata observância das suas Regras e das prescrições eclesiásticas; e isto só nos pode fazer bem e manter-nos vigilantes quanto aos nossos deveres, do que desejo agradecer-lhe de todo coração.

Há, porém, certas coisas que não consigo entender bem, se são segundo o espírito da Igreja e se podem ter alguma vantagem para os outros.

Não falo das frequentes cartas pessoais escritas a nosso respeito; nem da insistência com que me repreende por ter impresso algumas cartas de vossa excelência, coisa que jamais me passou pela imaginação; falo somente da carta que fui obrigado a escrever no dia 23 de agosto passado a respeito dos exercícios espirituais programados e a serem realizados no nosso colégio de Lanzo, pela única razão de que a publicação foi feita sem que eu soubesse, sem ingerência nenhuma de minha parte e numa época em que estava decidido que não haveria mais tais exercícios; basta isto para eliminar qualquer ideia de oposição à autoridade eclesiástica. De fato, não houve a comunicação do convite impresso enviado aos párocos sem que o senhor soubesse e sem mandar cópia ao arcebispo.

Entre outras coisas, ali se diz: *Esses exercícios não se podem realizar a não ser com o consentimento da autoridade eclesiástica*. Não sei onde se encontra semelhante prescrição.

Conheço as disposições do Concílio Tridentino (sess. V, c. 2) e as da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, segundo as quais, os pregadores religiosos não aprovados para a pregação devem, em certos casos, pedir licença, em outros, pedir a bênção do ordinário.

Não ignoro o que prescrevem as Constituições Sinodais publicadas aos cuidados de vossa excelência; mas todas essas disposições se referem às igrejas públicas, e nesses casos eu me teria adequado sem problemas; aliás, antes de começar a pregação não teria deixado de fazer o que a simples conveniência ordena.

Mas, no nosso caso, trata-se simplesmente de alguns professores que querem recolher-se num colégio e ali, em vez de entreter-se com outras coisas, querem ocupar uma semana nos exercícios espirituais.

É conveniente observar que os nossos padres são todos aprovados por vossa excelência reverendíssima para a pregação; que desde os primeiros tempos do Oratório, a autoridade eclesiástica concedia a faculdade de fazer, à vontade, tríduos, novenas, exercícios espirituais nas igrejas ou capelas dos oratórios.

Em março de 1852, mediante decreto apropriado, *concediam-se todas as faculdades necessárias e oportunas a esta instituição.*

Dessas determinações existe o original na cúria; e uma cópia levei-a, eu mesmo, e entreguei-a em mãos de vossa excelência reverendíssima. Dom Riccardi<sup>29</sup> confirmou todas essas faculdades; e vossa excelência, ao conceder alguns direitos paroquiais à igreja de Maria Auxiliadora, garantia que com essas concessões não entendia derogar absolutamente nada do que já fora concedido pelos antecessores.

Por essas razões, diversas vezes durante o ano houve exercícios espirituais em Turim, Moncalieri, Giaveno e Lanzo, sem nunca recorrer à autoridade eclesiástica.

Vossa excelência mesmo, quando era somente cônego, várias vezes pregou-os com zelo em Valdocco e em Trofarello, mas nem vossa excelência nem eu pedimos alguma autorização. Em todas essas pregações e em todos esses exercícios tratava-se somente de membros da Congregação e dos jovens educados em suas casas, nunca de pessoas estranhas convidadas publicamente. E fazendo agora o que se costuma fazer há tantos anos, eu estava intimamente persuadido de não empreender nada que pudesse ser contrário às prescrições canônicas e às ordens sempre respeitáveis de vossa excelência.

Antes de receber a sua carta, de várias partes me chegaram aos ouvidos comentários ampliando o ressentimento manifestado pelo senhor, ora com este, ora com outros, sempre marcados pela má interpretação, quase parecendo querer impedir o bem dos fiéis.

Muitas coisas que se referem a mim e a vossa excelência são exageradas e deturpadas pela opinião pública, ou seja, por quem vive denegrindo a vida alheia.

Agora eu lhe peço me deixe falar um momento com a linguagem do coração.

<sup>29</sup> Dom Alexandre Riccardi di Netto (1808-1870), arcebispo de Turim de 1867 a 1870.

A mim parece que, no tribunal de Deus, vossa excelência e eu, aliás, mais próximo dele, estaremos muito contentes se, deixando de lado a busca pelo melhor, nos pusermos a combater o mal e a promover o bem, e fizermos retornar aqueles tempos em que cada ideia do pobre Dom Bosco era para o senhor um projeto a ser posto em execução, se não fossem escritas cartas, ora aqui, ora ali, com as quais não se faz outra coisa senão aumentar os desgostos e fornecer pretextos para críticas e desprezo para os inimigos da religião.

Não seria melhor se o senhor escrevesse, não vagamente, mas de forma concreta e específica, o que deseja desta pobre Congregação, cujos sócios trabalham com todo esforço para o bem da diocese ao senhor confiada pela divina Providência? E, além disso, se deixasse para sempre sepultado o pensamento que alguém loucamente imagina existir em Dom Bosco, isto é, que ele queira mandar em casa alheia?

Escrevi com a intenção de não ofender, nem de dar desgosto a vossa excelência, mas, se alguma expressão involuntária por acaso lhe desagradar, peço humildemente desculpas.

Nesta casa sempre rezamos e continuamos a rezar pela conservação da sua saúde preciosa; e cheio de confiança, tanto quanto pode o pobre remetente, asseguro-lhe que foi e sempre será

De vossa excelência reverendíssima obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

## 85. Ao arcebispo de Turim, dom Lourenço Gastaldi

Edição crítica em E(m) I, pp. 350-351.

Turim, 10 de novembro de 1874

Excelência reverendíssima,

Foi-me comunicada a resposta negativa de vossa excelência reverendíssima a respeito da admissão dos nossos clérigos na próxima ordenação do Santo Natal. O senhor sabe como é estrito o dever de um superior de providenciar o bem dos seus religiosos, que é também o da Igreja, e certamente sabe também quais devem ser os casos em que um ordinário pode recusar tais ordenações.

Antes, porém, de eu pedir a Roma como devo proceder, julgo oportuno apresentar-lhe algumas minhas reflexões e isto unicamente para não aumentar seus problemas e desgostos, que sempre procurei diminuir, diga-se o que se quiser.

Perguntei se eu devia ou podia fazer a declaração de não receber clérigos do seminário segundo o teor que tive a honra de apresentar a vossa excelência e fui levemente criticado por isso. No fim, se dizia: vá ler a Constituição de Bento XIV que começa: *Ex quo dilectus*, consulte as declarações da Congregação dos Bispos e Regulares *Super ingressu clericorum saecularium in Regulares*, de 20 de dezembro de 1859; consulte também as respostas dadas ao bispo de Pinerolo em 3 de maio de 1839, e terá normas para seu governo”.

Apesar disso, eu lhe peço queira crer que, dos clérigos expulsos do seminário de Turim, até agora não aconteceu nenhum caso de algum deles pertencer à nossa Congregação, nem como professo, nem como noviço.

No máximo, vieram alguns para ficar aqui momentaneamente porque se encontravam abandonados, mas apenas puderam encontrar uma colocação em outro lugar, saíram daqui; outros vieram para fazer os exercícios espirituais e se dispõem a deixar a batina, como fez o clérigo Borelli.

Todos, porém, foram convidados a pedir autorização a vossa excelência que, tendo sido recusada, foi também recusada sua aceitação aqui.

Tenha também a bondade de crer que, se resolvi aceitar momentaneamente esses clérigos, era para mitigar a irritação dos parentes e dos amigos deles, que não paravam de vomitar *plagas* contra o senhor, como se quisesse que eles fossem abandonados por todos.

Dito isso, peço a vossa excelência queira admitir os nossos clérigos às sagradas ordenações, do que faço humilde solicitação. Caso, porém, julgar que deve continuar absolutamente a recusá-las, pediria que, para minha orientação, pelo menos mande que me escrevam dizendo quais são os motivos.

Seja qual for sua decisão e seja lá o que for que se diga a meu respeito, eu posso dar-lhe garantias de que sempre me esforcei para fazer o bem, segundo as minhas forças, ao meu superior eclesiástico e à diocese confiada a ele pela divina Providência; e na esperança de poder continuar assim por toda a minha vida, tenho a honra de poder professar-me

De vossa excelência reverendíssima humilde servidor

Sac. João Bosco

## 86. Ao arcebispo de Turim, dom Lourenço Gastaldi

Edição crítica em E(m) IV, p. 536.

Turim, 28 de outubro de 1875

Excelência reverendíssima,

Ontem vossa excelência reverendíssima julgou por bem dizer-me tudo o que lhe parecia oportuno, sem permitir que eu proferisse uma única palavra de desculpas ou de retificação do que me estava sendo imputado.

Lamento, mais por vossa excelência do que por mim. Eu tinha em mente expor-lhe alguns assuntos que teriam ajudado eficazmente a diminuir, talvez a afastar de vez sérios desgostos.

Com todo respeito devido à dignidade arquiépiscopal da qual vossa excelência está revestido, creio poder dizer-lhe que, se foi bispo de Saluzzo e depois arcebispo de Turim, se foram aplainadas as graves dificuldades que a isto se opunham, e vossa excelência sabe muito bem disto, é devido às propostas e às solitudes do pobre Dom Bosco, que agora não pode nem mesmo falar e é mandado embora da maneira que o senhor sabe. Pelo contrário, eu pensava que poderia falar-lhe, ao passo que agora penso que estou inteiramente exonerado disso.

Desculpe-me os desgostos que lhe causei e creia-me sempre com a máxima veneração, como sempre fui e nunca deixarei de ser

De vossa excelência reverendíssima obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

## 87. Ao arcebispo de Turim, dom Lourenço Gastaldi

Edição crítica em E(m) IV, pp. 586-587.

Turim, 26 de dezembro de 1875

Excelência reverendíssima,

Somente na vigília do Santo Natal o padre Rua me fez ver que a minha autorização para confissões tinha vencido em setembro passado. Estando a sacristia cheia de jovens internos e externos que esperavam para confessar-se, julguei que podia servir-me, por aquela vez, da faculdade recebida do santo padre de confessar em casos especiais que ocorressem em qualquer parte.

Hoje, porém, deixei de confessar e amanhã me afasto de Turim para eximir-me de responder às perguntas que começam a se fazer a respeito da realidade deste fato.

Agora lhe apresento humildemente o pedido para que queira renovar essa faculdade, a fim de evitar comentários e escândalos; e dado que a medida tomada supõe motivo grave, como pobre sacerdote e como superior de uma Congregação definitivamente aprovada pela Santa Sé, nomeadamente constituído superior pela mesma, suplico-lhe respeitosamente queira dizer-me o motivo, quer para que sirva para mim de norma, quer para me emendar de alguma falta que de fato pesasse na minha consciência. Caso não deseje comunicar a mim esse motivo, mas a Roma, voltaria a pedir-lhe humildemente queira explicar-me a razão, a fim de poder sair desta situação, que se é dolorosa para todos, é muito mais para um superior de Congregação que está em comunhão com muitas casas.

Qualquer resposta que se dignar me dar, peço-lhe queira dirigi-la aqui para o Oratório, que logo me será transmitida para o lugar de minha residência.

Tenho a honra de professar-me com a devida estima e veneração

De vossa excelência reverendíssima devotíssimo servidor

Sac. João Bosco

## 88. Ao arcebispo de Turim, dom Lourenço Gastaldi

Edição crítica em E(m) V, pp. 508-510.

Turim, 22 de novembro de 1877

Excelência reverendíssima,

Em atenção à sua prezada carta de 9 do corrente mês tenho a obrigação de assegurar-lhe que, quanto à missa celebrada por um sacerdote salesiano no dia 16 de setembro deste ano num oratório privado de Rivara, eu não tenho a intenção de invocar nenhum privilégio.

O sacerdote que celebrou a dita missa, não podendo ter como celebrar porque rejeitado pelo seu pároco, de boa fé e apoiado em razões que lhe pareceram suficientes, acreditou que, naquelas circunstâncias, lhe fosse permitido celebrar naquele lugar de propriedade da Congregação Salesiana.

Se tivesse havido tempo para me perguntar, eu não lhe teria permitido e não o permitirei a ninguém, enquanto a situação estiver da forma como está. Como diante de Deus não houve nenhuma falta, assim espero que esta franca declaração de minha parte encontre boa acolhida junto a vossa excelência reverendíssima, o que lhe peço com toda reverência.

Quanto à questão das indulgências para os Cooperadores, lamentaria muito se o juízo emitido por vossa excelência reverendíssima fosse levado a público, mesmo que se tratasse somente dos párocos, antes que seja examinado pela Congregação das Indulgências. Porque estou convencido de que esta publicação seria um escândalo e uma pedra de tropeço para os fiéis e para os incrédulos que não deixariam de comentá-la.

Certamente seria de prejuízo para a Congregação, porque uma acusação tão grave não poderia deixar de prejudicá-la; mas talvez o pior dano não seria para a Congregação, nem para mim. Só o fato de conhecer este desentendimento já seria ocasião de muitas críticas e de juízos opostos, não todos desfavoráveis a mim.

Então, de minha parte, seria preciso recorrer às Congregações romanas; e se, como creio, a sentença me haveria de ser favorável, que inconveniente, quando se viesse a conhecer semelhante decisão! Não pretendo absolutamente impedir que vossa excelência faça o que seu zelo pela religião lhe manda fazer, todavia, conceda a um indigno seu servo que possa pedir-lhe que, antes de dar este passo, queira interrogar pessoas criteriosas e prudentes, pelo menos para pôr-se a salvo de todas as críticas e da malevolência dos adversários, como vossa excelência já fez com alguma carta publicada no Calendário.

Além disso, por que não confiar nos ponderados e autorizados juízos das Congregações Romanas, que não deixarão de tratar as coisas criteriosamente e julgar conforme o direito?

Para falar sinceramente tudo o que penso, lamentaria muito que a questão da proibição das missas não fosse tratada da mesma maneira, e que num impresso, que traz a qualificação de reservado, tenha vindo prejudicar a decisão.

Dado que a controvérsia foi levada por vossa excelência a Roma, não era talvez mais oportuno que também lá fosse acertada? A Sagrada Congregação verá se de fato essa publicação foi oportuna.

Agora, contra a minha vontade, serei obrigado a responder; certamente uma defesa a respeito de acusações suficientemente graves, na qual estou persuadido de ter razão, nunca poderá ocorrer sem uma censura proporcionada aos argumentos e às reprovações expostas por vossa excelência contra o meu modo de agir.

Preventivamente lhe peço perdão, e se lhe parecer que eu estou me excedendo em alguma coisa, queira atribuí-lo à necessidade da defesa e ao veemente desgosto que estou provando. Mas, por que não tratar essas dificuldades com medidas paternas e com aquela indulgência que merece uma Congregação nascente, que sinceramente quer o bem e pode errar por ignorância, não certamente por malícia?

Deus julgará vossa excelência e este seu pobre servo quanto à retidão das nossas intenções, da caridade cristã e da humildade com que teremos agido, do esforço que tivermos empenhado para encontrar os meios proporcionais para defender e promover os interesses da sua santa religião: Nele confio.

Não devo deixar sem resposta a observação que me foi feita de ter recebido na Congregação sem as cartas testemunhais um clérigo (agora padre Rocca), expulso do respeitável seminário de Turim. Permita-me que lembre a vossa excelência que as cartas testemunhais foram solicitadas cinco vezes pelo clérigo Rocca, outra vez pelo padre Rua e uma pelo remetente, sem nunca ter conseguido resposta: por razão disso, fomos para frente segundo as instruções da sagrada Congregação da Disciplina Regular, emanadas em 25 de janeiro de 1848 (*Collectanea* p. 891).

Beijando-lhe respeitosamente as mãos, professo-me

De vossa excelência reverendíssima devotíssimo obsequioso servidor

Sac. João Bosco

## 89. Exposição à Santa Sé (15 de dezembro de 1881)

Edição Impressa em *Esposizione del sacerdote Giovanni Bosco agli eminentissimi cardinali della Sacra Congregazione del Concilio*. Sampierdarena, Tipografia di San Vincenzo dei Paoli 1881, pp. 51-53, 75-76 (OE XXXII, 99-101, 123-124)<sup>30</sup>.

1879

No dia 12 de janeiro deste ano, o arcebispo de Turim foi à cidade de Chieri, reuniu em assembleia os cônegos do cabido e, a fim de induzi-los a apresentar um ato de desaprovação em relação ao oratório aberto por Dom Bosco naquela cidade em favor das jovens, compara os salesianos às locomotivas a vapor, que saltando dos seus trilhos, produzem mais mal do que bem.

Não tendo conseguido os votos necessários contra o dito oratório, o senhor bispo, no dia 12 e depois no dia 14 de fevereiro, suspende o diretor salesiano<sup>31</sup> da faculdade de ouvir confissões em toda a arquidiocese, como acenamos acima.

No dia 20 de fevereiro, estando ausentes da nossa casa principal de Turim Dom Bosco e os principais superiores, o arcebispo veio improvisamente, sem ser convidado, tomar parte numa encenação do nosso teatrinho, ao passo que poucos dias antes tinha suspenso o padre Bonetti de ouvir as confissões sacramentais, não somente em Chieri, mas em toda a diocese, como foi dito. – Depois disto escreve que “*interveio em nossas apresentações cênicas no carnaval, como prova da sua indubitável benevolência para com a Congregação Salesiana*”.

Nós perguntamos: por que o senhor bispo recusou tantas vezes vir presidir as celebrações em nossa igreja e também administrar a crisma quando era convidado, e depois vem ao teatro sem nenhum convite?

No dia 26 de maio escreve a Dom Bosco que vá ter com ele por motivo gravíssimo. O motivo gravíssimo era a questão do padre Bonetti ao qual, por certas cartas vindas de Roma, primeiro tinha dito que lhe restituía a faculdade de ouvir confissões, mas depois mandou dizer que tudo continuava como antes por causa de Chieri, julgando-o culpado no próprio campo dos seus suores. Dom Bosco, na mesma tarde, vai ter com ele e o senhor bispo decla-

<sup>30</sup> Da longa exposição (76 páginas), extraímos algumas passagens dos anos 1879-1880 e a conclusão.

<sup>31</sup> João Bonetti (1838-1891), um dos primeiros e brilhantes salesianos, na qualidade de diretor do *Boletim Salesiano* e diretor do oratório feminino de Chieri teve um longo desentendimento com o pároco do domo de Chieri. Na polémica, foram envolvidos tanto Dom Bosco quanto as autoridades pontifícias.

ra que devolve novamente ao padre Bonetti a faculdade de ouvir confissões em qualquer parte, deixando à prudência de Dom Bosco enviá-lo ou não a Chieri. Esta notícia levada para casa por Dom Bosco alegrou a todos; mas durou pouco porque na manhã seguinte, muito cedo, o senhor bispo envia uma nova carta, pela qual desdisse o que tinha dito na tarde anterior. Eis esta carta singular:

“Turim, 27 de maio de 1879.

Reverendíssimo Senhor,

A necessidade em razão da qual estou para encerrar sem demora as discórdias surgidas em Chieri me obriga a ter certeza de que o padre Bonetti foi afastado até que eu pessoalmente tenha reexaminado a situação e chegue a uma conclusão com pleno conhecimento de causa; sendo assim, considero necessário que durante todo este tempo este sacerdote não exerça em Chieri o ministério de confessor; conseqüentemente retiro do padre Bonetti (*se a retira, é sinal de que na tarde anterior a tinha concedido*) a faculdade de absolver sacramentalmente, até o tempo acima indicado que, considerando o estado físico em que me encontro, não me é possível no momento determinar. Isto é o que eu tinha declarado ao padre Rua no princípio deste mês, e também o que, refletindo sobre toda a nossa conversa de ontem à tarde, penso dever declarar a vossa senhoria, de quem me professo

Devotíssimo servidor

Lourenço, Arcebispo”.

De quem é a culpa, se desde o princípio não foi possível chegar a um pacífico entendimento?

1880

No dia 22 de março o arcebispo de Turim enviou ao padre João Cagliero uma carta pela qual oferecia uma casa, um terreno e o montante de 6.000 liras, com a condição de que a Congregação Salesiana abrisse um oratório festivo e duas salas de aulas elementares diárias para jovens da paróquia do Sagrado Coração de Jesus em Turim.

Examinado o caso e considerando que a mesma oferta já tinha sido feita a outras congregações religiosas, que não a aceitaram, e que a Congregação

Salesiana, já com falta de pessoal e de meios, não estava em condições de abrir uma nova casa com os compromissos indicados, por somente 300 libras por ano como resultado da oferta de 6.000 libras, respondeu-se que, no momento, não havia a possibilidade de aceitar os compromissos que resultavam de tal proposta. O próprio arcebispo, considerando sensatas as observações do padre Cagliariro concordou que a Congregação não teria podido manter aberta uma casa somente com 300 libras por ano e mandou dizer que se suspendessem as tratativas até a abertura de uma nova igreja e casa de São João Evangelista, situada perto do local oferecido onde com maior facilidade seria possível enviar os dois professores para as aulas de manhã e à tarde. Não demorou que ele, esquecido destes entendimentos, se queixou com o cardeal Lourenço Nina, nosso benévolo protetor, e para indispor-lo contra seus protegidos, disse-lhe que a tal oferta tinha sido acolhida pelos salesianos com muita frieza *e que ainda estava esperando uma resposta definitiva.*

Ao receber esta queixa, sua eminência reverendíssima, no dia 23 de junho escrevia a Dom Bosco pedindo-lhe informações; e Dom Bosco informou o eminentíssimo com a seguinte carta, à qual anexava outra do padre Cagliariro, que tinha tratado pessoalmente o assunto com o senhor bispo.

### *Um pedido*

Com esta Exposição eu não pretendo acusar ninguém, nem me defender. Eu só desejo que a Santa Sé possa estar em condições de conhecer o estado desta Pia Sociedade Salesiana, a fim de que me dê seu valioso apoio para impedir a repetição de fatos tão perturbadores, que custaram tempo, fadigas e despesas, o que eu desejaria consagrar inteiramente à glória de Deus e ao bem das almas.

Sendo assim, peço humildemente aos eminentíssimos senhores cardeais da Sagrada Congregação do Concílio e, por meio deles, ao santo padre, que venham em ajuda da nossa Congregação nascente, cujos interesses eu sou obrigado a promover e defender.

A Santa Sé ao aprovar a humilde Congregação Salesiana, também a tomou sob sua proteção e, por isso, tenho plena confiança de que quererá também apoiá-la a fim de que, em meio às calamidades dos tempos, possa conseguir a finalidade para a qual foi fundada e aprovada.

E tanto mais atualmente, que Deus misericordioso ajudou os salesianos a fundar 140 casas, nas quais educam cristãmente mais de 80 mil jovens. Destas casas, 35 estão na América do Sul, inclusive entre os pobres índios.

Todos estes institutos requerem tempo e tranquilidade para poder governá-los, administrar e fazer de tal modo que consigam seu escopo, como a propagação do Evangelho e a salvação das almas.

### *Compromisso*

Expostos estes pensamentos, o superior da Congregação Salesiana se prostra aos pés do santo padre Leão XIII, pedindo humildemente desculpas pelo incômodo involuntário causado; assegura-lhe que se submeterá a qualquer disposição, conselho e aviso que Sua Santidade quiser lhe comunicar; preventivamente promete aceitar todas as orientações e fazer delas norma inalterável para si e para a Congregação a ele confiada pela divina Providência. Ela nasceu, se manteve e consolidou, mediante a ajuda moral e material do sumo pontífice e, por isso, todos os salesianos se sentirão orgulhosos em viver e morrer para trabalhar, servir e agradar àquele que a eles deu e aos quais conserva a existência diante da Igreja e diante do mundo.

## **90. Ao arcebispo de Turim, dom Lourenço Gastaldi**

Arquivo Secreto Vaticano, *Secretaria de Estado*, ano 79, rubrica 257, original alógrafo com assinatura autógrafa; edição em E IV, p. 151.

Turim, 8 de julho de 1882

Excelência ilustríssima e reverendíssima,

A Santidade de Nosso Senhor, considerando que os diversos desentendimentos que há certo tempo surgiram entre vossa excelência ilustríssima e reverendíssima e a humilde congregação dos salesianos são fonte de dissabores e atritos em detrimento da autoridade e com admiração dos fiéis, dignou-se fazer-me conhecer ser vontade sua que cesse todo dissídio e se restabeleça entre nós uma paz verdadeira e duradoura.

Por isso, a fim de atender às paternas e sábias intenções do sumo pontífice, que sempre foram também as minhas, eu exprimo a vossa excelência reverendíssima o meu pesar por alguns incidentes que nestes últimos tempos vieram alterar as relações pacíficas que antes havia entre nós e que ocasiona-

ram amarguras ao ânimo de vossa excelência reverendíssima. Aliás, se alguma vez vossa excelência pensou que alguém do Instituto Salesiano influenciou para que isso ocorresse, eu peço perdão a vossa excelência reverendíssima e lhe peço queira esquecer o passado.

Na esperança de que vossa excelência aceitará benignamente estes meus sentimentos, alegro-me em servir-me dessa oportunidade para desejar-lhe as mais eleitas bênçãos de Deus, enquanto tenho a elevada honra de professar-me com grande estima e com profunda veneração

De vossa excelência ilustríssima e reverendíssima obsequioso servidor

Sac. João Bosco